
SÃO PAULO É UMA CIDADE INCRÍVEL



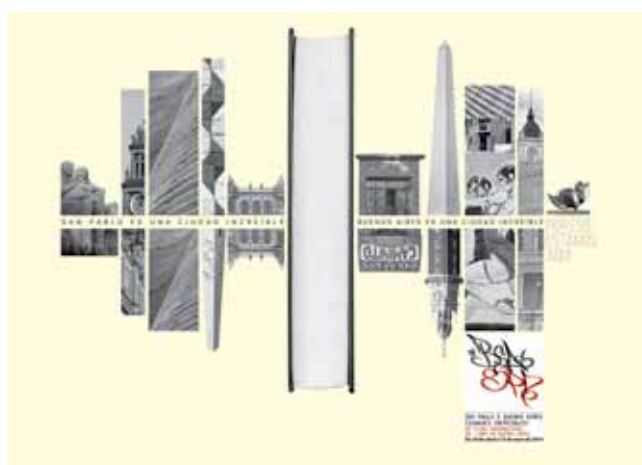
5

Com o coração em dois países

Nascido na Argentina, o cineasta Héctor Babenco fala sobre a ditadura argentina, a vinda para o Brasil e sua relação com a capital paulista

8 Escrito contra o concreto

Artistas de SP escrevem poemas inspirados em frases e palavras picadas nas ruas da metrópole



40ª Feria Internacional del Libro de Buenos Aires



São Paulo turismo
www.spturis.com



ALCALDÍA DE SÃO PAULO

Más información: WWW.PREFEITURA.SP.GOV.BR

10 Em todos os cantos

Liderado por jovens músicos e artistas, novo movimento paulistano passa a ocupar espaços urbanos ociosos

12 Transformação o tempo todo em ritmo intenso

Em entrevista, a urbanista Raquel Rolnik examina as principais qualidades de uma cidade que não para de crescer

14 Programação de atividades de São Paulo na Feira Internacional do Livro de Buenos Aires

Dez dicas para ficar mais íntimo de São Paulo

Visite dez lugares em São Paulo recomendados por quem conhece a cidade intimamente

17



19 Sobre revoluções, futebol e churrasco

O futebol e outros campos de encontro entre argentinos e brasileiros

21 Olhar periférico

Lugares extraordinários na periferia de São Paulo

24 Experiência íntima - relato pessoal

A nova geração de escritores que vivem na capital paulista



26

Túnel do tempo

Os principais marcos da cultura paulista desde a fundação do histórico Museu do Ipiranga

28 A rede e suas tramas

O estilo de escrever que surgiu a partir da relação entre leitor e autor na internet



Esta publicação faz parte do projeto *São Paulo es una ciudad increíble* para a 40ª Feira Internacional do Livro de Buenos Aires.

Editores responsáveis: Mariluce Moura. Editor executivo: Gustavo Fioratti. Editora de arte: Mayumi Okuyama. Editor de fotografia: Léo Ramos. Colaboradores: Albino Castro, Amanda Queirós, Cláudia Melo, Daniel Kondo, Fernando Masini, Lucas Nóbile e Sílvio Lancelotti. Tradução: Damian Kraus. Revisão: Mauro de Barros. Produção: Areté Editora e Comunicação

O espírito das letras e das cidades

Albino Castro

Uma das capitais do Novo Mundo, síntese do Brasil, São Paulo, com a sua esplêndida diversidade, é a maior metrópole de língua portuguesa do planeta – idioma falado em quatro continentes. Fundada pelos portugueses, em 1554, recebeu e integrou todos os povos e, justamente com os seus mais antigos habitantes, formou um centro urbano, cuja cultura, produto de tantas e variadas influências, a transformou numa capital de alma planetária, muitas vezes comparada a uma Babel com signo invertido. A São Paulo contemporânea, brasileiraíssima, é múltipla, pujante e plena de vibração. Foi uma das cidades fundadas fora da Europa pelos lusitanos no século 16, apogeu da navegação portuguesa, como Nagasaki, no Japão, em 1570, e a africana Luanda, em 1575, capital de Angola.

São Paulo, capital do estado brasileiro que possui o mesmo nome, se constrói, ontem como hoje, a partir das muitas origens que tiveram como desejo e destino a metrópole brasileira. Como a exuberante Buenos Aires. Tantas faces moldam a sua pulsante fisionomia. Dos sons e culturas aos sonhos e realizações. São Paulo misturou

todos os povos e, em São Paulo, todos os povos se miscigenaram, formando um novo universalismo do Novo Mundo. Uma cidade fascinante que vive intensamente todos os tempos a um só tempo. Uma capital com sólida vocação ao desenvolvimento e ao pluralismo. Inclusive nas letras e numa poesia, arrojada e destemida, que, como um destape social, floresce e cresce nas suas periferias, subúrbios habitados por muitos migrantes e descendentes provenientes de todo o Brasil, mas, sobretudo, da região Nordeste, bem como por várias comunidades de afro-brasileiros, que marcam a diversidade e a pluralidade de uma verdadeira Babel que deu certo.

Uma verdadeira *Paulicéia Desvairada* – definiu, assim, a Babel invertida o pai da moderna poesia brasileira, Mário de Andrade (1893 – 1945), como título da própria obra, publicada em 1922, ano da célebre Semana de Arte Moderna, que mudaria os rumos da literatura e das artes plásticas no País. Mário de Andrade, autor de outro clássico modernista brasileiro, *Macunaíma*, lançado em 1928, foi um dos protagonistas da histórica Semana de Arte Moderna. Ele fazia parte do Grupo dos Cinco. Juntamente com os escritores Oswald de Andrade (1890 – 1954), que, apesar do mesmo sobrenome, não era parente de Mário de Andrade, e Menotti Del Picchia (1892 – 1988), e as artistas plásticas Tarsila do Amaral (1886 – 1973) e Anita Malfatti (1889 – 1964). Uma das obras de Tarsila do Amaral mais apreciadas em todo o mundo, *Abaporu*, de 1928, está exposta no Museu de Arte Latino-Americana de Buenos Aires (MALBA), depois de ter sido comprada por US\$ 1,5 milhão pelo colecionador argentino Eduardo Costantini. *Abaporu*

é considerada a tela brasileira mais valorizada.

Ababoru significa, na língua tupi-guarani, homem que come gente, referência à antropofagia modernista que se propunha a deglutir a cultura estrangeira e adaptá-la ao Brasil. A obra, um óleo sobre tela, foi pintada por Tarsila para presentear o marido à época Oswald. A antropofagia dos Andrade, principalmente, mudaria para sempre os rumos da cultura brasileira. Dos anos 1930 a 1970 prevaleceu a forte influência, sobretudo, dos milhões de imigrantes italianos. O sotaque paulistano, isto é, da cidade São Paulo, passou a ter a forte influência da pronúncia italiana, que ainda persiste em alguns bairros tradicionais – como o Bixiga, Mooca, Vila Prudente, Lapa e mesmo em áreas de predomínio de famílias de origem portuguesa, como Vila Maria, Vila Guilherme, Pari e Penha. Muitos lunfardos portenhos, vindos com as letras de tangos, foram sendo incorporados ao linguajar de São Paulo e mesmo de todo o Brasil. Várias expressões de dialetos italianos trazidos para Buenos Aires, com o linguajar dos genoveses, os *xeneizes*, e napolitanos, também chegaram com *los tanos* a São Paulo, mas difundidos, na maioria das vezes, pelas letras *tangueras*. Até hoje, por exemplo, em São Paulo, como em Buenos Aires, bacana é refinado, bronca é raiva, burro é ignorante, campana é ajudante de ladrão que vigia, cana é prisão, gozar é zombar, grana, bem como mango, é dinheiro, grupo é mentir e patota é turma.

Lunfardos também desembarcariam em São Paulo nas memoráveis letras de tangos escritas pelo poeta paulistano Alfredo Le Pera, nascido em 24 de junho de 1900, no italianíssimo bairro do Bixiga, no coração da cida-

São Paulo misturou todos os povos e nela todos os povos se miscigenaram, formando um novo universalismo do Novo Mundo



de, grande amigo de Carlos Gardel, com quem morreria, tragicamente, num acidente de avião, em Medellín, na Colômbia, após um espetáculo em Bogotá, quando voavam para Cali. Os pais de Le Pera eram imigrantes vindos da Itália e se transferiram em 1903 para Montevideu – fixando-se, depois, em Buenos Aires. Mas o encontro de Le Pera e Gardel só aconteceria em 1932, em Paris, onde já estava radicado o poeta nascido no Brasil, trabalhando para a Paramount Pictures como tradutor de textos para filmes mudos. Le Pera escreveu em 1933 o roteiro do filme estrelado por Carlos Gardel, *Melodia de Arrabal*, depois *Cuesta Abajo* e *El Tango Broadway*, ambos em 1934, e *El Dia em que me Quieras* e *Tango Bar*, os dois em 1935. Eram de Le Pera muitas letras de tangos imortalizados por El Zorzal Criollo Carlos Gardel, como, entre outras, *Melodia de Arrabal*, *Volver*, *Cuesta Abajo*, *Silencio*, *Sus Ojos se Cerraron*, *Soledad* e *Volvió una Noche*. Tangos que marcaram época em todo o planeta e muito aproximaram São Paulo e Buenos Aires.

Aproximaram muito mais, naturalmente, do que o cinema, o teatro e a própria literatura portenha, que muitos paulistanos aprenderam a ler e a admirar desde as épocas do tango querido e dos grandes mestres que atuaram no futebol argentino, dos anos 1930 e 1940 – dois dos quais fizeram história em São Paulo, o virtuoso Antonio Sastre (1911 – 1987), nascido em Lomas de Zamora, na Grande Buenos Aires, ídolo do mítico Independiente, brilhou no São Paulo, e, no Corinthians, o brasileiro Domingos da Guia (1912 – 2000), um carioca que conquistou, nas canchas portenhas, o título de *El Divino Maestro* no ines-

Sastre, Da Guia e as letras de Le Pera eram, aos olhos e ouvidos de São Paulo, um retrato de uma metrópole tão próxima da cidade paulista como, nas letras, foi Jorge Luis Borges

quecível Boca Juniors dos anos 1935 a 1937. Sastre, Da Guia e as letras de Le Pera eram, aos olhos e ouvidos de São Paulo, um retrato de uma metrópole tão próxima da cidade paulista como, nas letras, foi Jorge Luis Borges (1899 – 1986), a partir da publicação, em 1949, de *Aleph*, seu *capo lavoro*, obra-prima – ele que tanto se orgulhava de possuir um sobrenome de origem portuguesa. São Paulo leu e aprendeu muito também com Julio Cortazar (1914 – 1984), autor de *Rayuela*, que teve no Brasil a tradução para *Jogo da Amarelinha*, Bioy Casares (1914 – 1999), Ernesto Sabato (1911 – 2011) e até mesmo com o bonaerense de espírito secessionista vienense, Roberto Arlt (1900 – 1942), que chegou a viver em 1930 no Rio de Janeiro.

Um novo século e novos escritores em dois dos mais exuberantes países da América Latina. Quarenta e oito autores argentinos estiveram presentes no *Salon du Livre de Paris*, de 21 a 24 de março último, e, agora, entre 24 de abril e 12 de maio, a poesia das periferias de São Paulo desembarcará na FERIA del Libro de Buenos Aires. Dois prestigiosos eventos que marcam 2014 nas letras do continente. ♦



ENTREVISTA COM
HÉCTOR BABENCO

Com o coração em dois países

Nunzio Briguglio

Héctor Babenco, 68 anos, é um caso raro de um personagem capaz de marcar sua presença tanto em São Paulo, de resto em todo o Brasil, como em Buenos Aires e, por que não, em toda a Argentina. Reverenciado como cineasta e como diretor de teatro, este brasileiro nascido na Argentina, como gosta de se definir, foi o primeiro diretor de cinema latino-americano nominado para receber o Oscar, em 1984. Uma produção brasileira sobre o romance *O Beijo da Mulher Aranha*, escrito pelo argentino Manuel Puig. Nesta entrevista, Babenco relembra momentos marcantes de sua vida, a chegada a São Paulo, nos anos 1960, busca pontos de confluência entre as culturas dos dois países e fala do amor pela cidade que adotou como sua.

Como convivem em você o espírito argentino e o brasileiro?

Eu sou um brasileiro que nasceu na Argentina. Com 17 anos eu sai do país onde nasci por motivos pessoais, individuais, não políticos, ou de outra ordem. Na época estava cheio de sonhos e de esperanças. Eu sai de lá, mas sairia de qualquer lugar. Teria ido à primeira rodoviária e pegado o primeiro ônibus para qualquer lugar que fosse.

E por que São Paulo?

Eu tive que mentir para meus pais. Mi-



Cena do filme
Iron Weed, de 1987

nha mãe tinha uma irmã que morava em São Paulo e eu disse que vinha para visitá-la. Uma tia que eu nunca visitei, nem conheci.

E qual foi a sua primeira impressão?

Eu me assustei. Quando cheguei em São Paulo não tinha luz de mercúrio e isso era muito bonito. A luz das lâmpadas eram amarelas. Eu nunca tinha visto um negro na minha vida. Quando vi um no banheiro da Rodoviária, fiquei com medo. Na minha cidade não tinha um preto e, obviamente, eu não tinha ideia de que iria me fascinar pela cultura negra, muito mais cativante do que a cultura melancólica argentina.

O que você trouxe na sua bagagem?

Eu cheguei em 1963. Tinha trabalhado

um pouco em teatro juvenil. Gostava muito de cinema e desde os 14 anos trabalhava na mais importante livraria de Mar del Plata, chamada Martin Fierro, que pertencia ao chefe do partido comunista local. A minha primeira doutrinação política foi a ideologia marxista, onde o código principal era a esperança na revolução. Nós todos somos iguais, temos os mesmos direitos, as mesmas obrigações. Um dia eu perguntei para o dono da livraria: mas quando será a revolução? Como ele não me deu uma data, eu fui embora.

E o que aconteceu com seus amigos?

Toda a minha geração que se engajou na revolução que não tinha data, morreu ou desapareceu. Eu me salvei por motivos existenciais. Vivia numa pensão na esquina das ruas Bela Cin-

tra e Mathias Ayres. Virei vendedor de rua e gastava meu tempo nos sebos da avenida São João e frequentava muito os cinemas do centro.

Como foi o choque com a brasilidade?

Tremendo. Eu vi a primeira versão do Glauber Rocha para *Deus e o Diabo na Terra do Sol*. Depois vi *Macunaíma* do Joaquim Pedro de Andrade. Aí eu enlouqueci. Estava morando em um lugar onde havia uma cultura tão inventiva, tão sem parâmetros como a autofagia de Mário de Andrade e ao mesmo tempo uma linguagem poética do voo utópico – que na época nem entendia direito – e aquela beleza do Antônio das Mortes, daquela gente correndo pelo sertão em busca de comida. Estes filmes foram fundamentais para eu encontrar o Brasil.

E o Brasil do dia a dia?

Foi um outro Brasil que eu encontrei depois que comprei uma máquina Polaroid e passei a ser fotógrafo de restaurantes. Vendedor e fotógrafo de restaurantes me permitia ter um tempo livre para mim. Vivía no Teatro Oficina, no Teatro de Arena. Eu percebi que São Paulo era uma cidade que reunia muitas tribos. Havia muitos italianos, espanhóis, africanos. Descobri a sexualida-

Abaixo, cena de *O Beijo da Mulher Aranha*, de 1984. Acima, cena de *Pixote, a lei do mais fraco*, de 1980

Na página ao lado, cena de *Carandiru*, de 2003



de, a liberdade sexual. As meninas que me levavam de Aero Wyllis para passar o final de semana no Guarujá. Era uma coisa de entrega física. Muito diferente da Argentina, onde a repressão se manifestava sobretudo na repressão à sexualidade ditada por uma Igreja que ainda tinha laços com a Inquisição.

A sua primeira experiência no cinema, O Rei da Noite, já é uma declaração de amor a São Paulo. Você estava apaixonado pela cidade?

Totalmente. É fruto da minha experiência na noite fazendo fotografias com a minha Polaroid. Eu estava sempre na região onde havia as boates e a prostituição era visível nas ruas e no interior. *O Rei da Noite* surgiu de um vendedor de bilhetes de loteria que eu encontrava na rua Major Sertório toda noite. Um senhor elegante, que sempre se vestia de linho branco. Eu fui conversar com ele e recebi o convite para tomar um “Rabo de Galo”. Um coquetel típico de São Paulo, pinga com cinzano em um copo pequeno. E ele me contou a história da vida dele. Que tinha nascido em uma casa enorme, linda, que fora criado por uma babá que falava alemão e inglês. Aí pensei, vou contar a história deste moço. Não a biografia, mas a sua história amorosa. Acabou saindo um filme com um lado grotesco, na linha da italiana Lina Wertmüller.

No seu segundo filme, Lúcio Flávio você esbarrou no regime militar brasileiro, como foi isso?

É preciso resgatar uma figura mefistofélica, um asno, o censor do Departamento de Censura da Polícia Federal. O relatório de *Lúcio Flávio* tinha 17 cortes. Eu fiquei desesperado e eu vi

que alguns colegas de cinema, quando eu contava a minha dor, reagiam com certa satisfação por você também entrar no rol das vítimas. No final, o filme foi liberado. Tive que dizer que os policiais envolvidos na execução do Lúcio Flávio haviam sido expulsos da corporação, o que é uma mentira.

E foi um grande sucesso. O seu primeiro.

Nada menos que seis milhões de pessoas viram o filme. Formavam-se filas nos cinemas. Foi lançado com 60 cópias e ficou em cartaz acho que por 14 semanas.

Nada contra seus três primeiros filmes, mas curiosamente o que vai te dar projeção internacional é o seu encontro com um compatriota, argentino, Manuel Puig, e a decisão de filmar O Beijo da Mulher Aranha.

É verdade. Eu tinha lido *Boquitas Pintadas*. Um dia encontrei *O Beijo da Mulher Aranha*. Comprei o livro e li. Fiquei bastante perturbado com a história de um homossexual que animava um guerrilheiro, ambos presos, com lembranças de filmes. Aquela história me encantou e me levou para o território do cinema mexicano. O melodrama e a mulher levada a sua condição mais alta, de deusa. A malvada que chora. O espanhol Luis Buñuel fez grandes filmes assim no México. Também descobri outro tipo de cinema que eu nem sabia que existia: filmes de propaganda nazista, produzidos durante a guerra. Eram campanhas publicitárias gigantescas. Havia sempre uma cantora que cantava para as tropas, como Lili Marleen. Todo mundo chorava no cinema e nas trincheiras e enquanto isso matavam judeus, russos, ciganos e um monte de gente que não pensava como eles.

Fiquei cinco anos passando o chapéu para conseguir fazer um filme que foi nominado para quatro Oscars.

Incluindo o de diretor e o de ator, vendido pelo William Hurt.

É verdade. E um filme oriundo da minha cultura argentina. Nada absolutamente a ver com *Pixote*, que é um retrato da periferia de São Paulo, fruto direto da cultura brasileira. E eu fiz *O Beijo* em inglês, ingenuamente, porque achei que desta forma iria percorrer o mundo. Hoje eu jamais faria um filme em inglês sobre uma história latino-americana, eu respeitaria a essência.

Discute-se tanto o Mercosul, a integração latino-americana, mas quando se trata de integrar as ações culturais, ficamos sempre muito próximo de zero.

Eu só tive uma experiência com produções binacionais, argentino-brasileiras, justamente meu último filme, *Passado*. Foi alguma coisa para esquecer. Tivemos todo tipo de dificuldade, desde liberação alfandegária de negativos até pagamento de cachê e de produção, que não podiam ser cruzados, pois cada país tem uma legislação diferente na área de câmbio, na tributação de impostos. Uma loucura! E isso não é um problema de governo: acredito que os governos tanto do Brasil como da Argentina adorariam integrar as duas produções culturais. Nem mesmo dos produtores dos dois países, ou dos profissionais. O problema é a burocracia, as amarras do poder pequeno que se encontram nas estruturas dos dois países.

Dois Oscars e uma produção de qualidade, você diria que o cinema argentino renasceu?

O cinema argentino conseguiu ar para respirar, graças a uma lei realmente eficiente. Eles te dão recursos para você desenvolver um projeto, depois para a pré-produção. E aí conferem o teu orçamento e te dão o dinheiro para realizar o filme. Não é o que acontece no Brasil, aqui ninguém revisa o seu orçamento e as produções são pelo menos três vezes mais caras. Os filmes brasileiros são orçados em padrões europeus, americanos. Na Argentina, o processo é simples: para cada ingresso que você venda, eles te dão outro para você investir no próximo filme. Sem burocracia. É toma-lá-da-cá.

E hoje como você vê as duas cidades São Paulo e Buenos Aires?

Buenos Aires nasceu com os dois pés na Europa. São Paulo é a divagação poética de uma aldeia que se industrializou e cresceu. É bem verdade que a cidade europeia do passado se transformou numa capital latino-americana no presente. Coisa que os argentinos rechaçam. Mas a verdade é que por lá ainda se pode caminhar pelas ruas. Eu não conheço uma grade em um parque ou em um edifício residencial em Buenos Aires. Aqui as residências estão cercadas por cercas eletrificadas. Talvez seja apenas uma questão de tempo. Não sei e espero que não. Mas tenho certeza que os argentinos e os latino-americanos em geral ficarão positivamente impressionados ao conhecer a arte da periferia de São Paulo. Trepidante e inquietante, aliás, como é esta cidade.

* Nunzio Briguglio, 62 anos, é jornalista e professor. Atualmente é o secretário de Comunicação da Prefeitura de São Paulo.



Meu amigo Héctor

Conheci Héctor Babenco naquela fase em que ele se dividia entre o vendedor de rua e o fotógrafo de restaurantes em São Paulo. Seis anos mais novo que ele (eu tinha apenas 14 anos), dividimos a inquietação e a ansiedade pelo futuro. Nem ele nunca imaginou que seria um cineasta reconhecido em todo o mundo, nem eu poderia imaginar que seria um jornalista. Éramos apenas dois jovens que disputávamos o dia a dia. E cada dia era um novo dia. E cada aventura era uma nova aventura. Assisti a cada um de seus filmes com uma ponta de orgulho e identifiquei nos seus personagens a lembrança do amigo que trilhara novos caminhos.

Nunzio Briguglio



Filmografia de Hector Babenco

- 1975 *O Rei da Noite*
- 1977 *Lúcio Flávio, O Passageiro da Agonia*
- 1980 *Pixote, A Lei do Mais Fraco*
- 1984 *O Beijo da Mulher Aranha*
- 1987 *Ironweed*
- 1990 *Brincando Nos Campos do Senhor*
- 1998 *Coração Iluminado*
- 2003 *Carandiru*
- 2007 *O Passado*



Cláudia Melo

Quem mora em São Paulo passa, anda, corre. Mais corre do que anda, atravessando paisagens de concreto cheias de mensagens. As pichações nos muros da cidade de São Paulo dizem algo? Enchem a cidade de significados? Ou são só rabiscos?

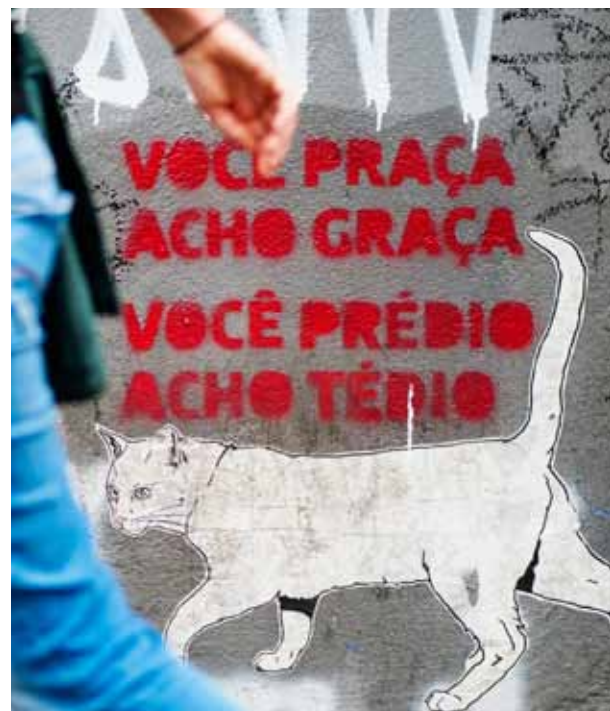
No trajeto para o trabalho, para a escola, para o cinema, de repente, nota-se, aquela frase que havia mexido com alguém dia antes não está mais lá. Frases pichadas nos muros de São Paulo são poemas efêmeros. “Eu pixo, você pinta, vamos ver quem tem mais tinta?”, alguém escreveu na Cidade Dutra, zona sul da cidade, referindo-se à guerra entre quem dá seu recado e quem apaga.

As próximas páginas imprimem uma coleção desses poemas e frases, coletados nas regiões norte, sul, centro, leste e oeste. São mais de 80 sentenças em prédios, portas, postes e no chão da cidade. Com pitadas de humor, às vezes de drama, passa-se a mensagem: há quem cobre mais amor, há quem peça consciência coletiva e soluções políticas para o caos da cidade.

“Imagina o lixo da Copa”, “Sua liberdade vale seu salário?” e “Aqui tinha uma floresta” são alguns exemplos do que foi coletado.

Para ilustrar a matéria, estas frases foram distribuídas a quatro artistas brasileiros. Os músicos Nando Reis e Pedro Luís, o humorista Gregorio Duvivier, as cantoras Lulina, Ana Cañas e Anelis Assumpção e o escritor Marcelino Freire, a partir da coleção, criaram poemas inéditos.

Uma releitura de vozes múltiplas, boa leitura. ♦



[Nando Reis]

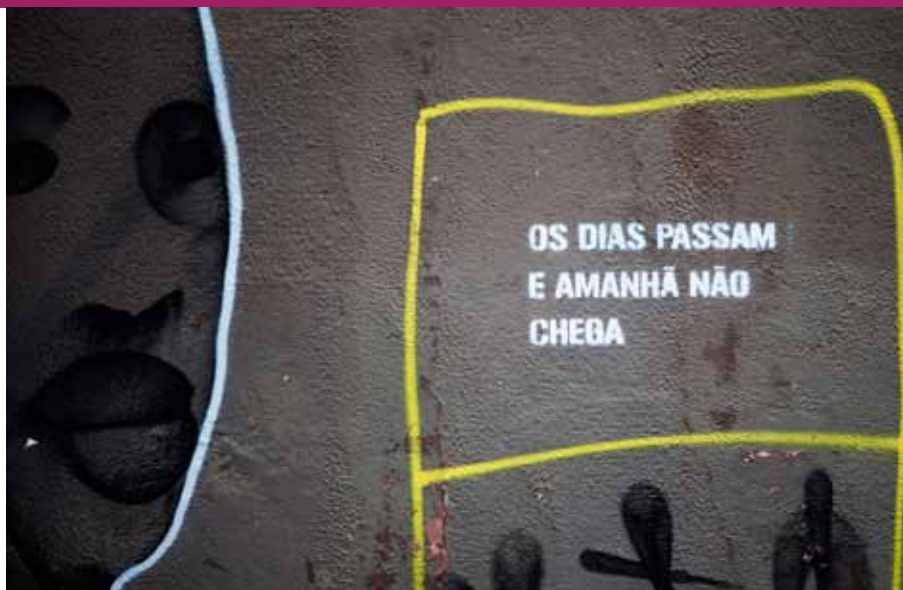
Atrevo-me assim
A dizer que – sim!
Que sei que nunca soube mais do que
ninguém
Porém não sei se todos sabem que – sim!
Que ninguém é mais escravo
Do que o coração embalado a vácuo
Sem respirar

Porém agora saibam
ninguém é mais escravo !
Quem não sabia
Agora sabe
Quem nunca soube
O que dizia
O sábio ditado?
Que não há bem
Que sempre dure
Nem mal que nunca acabe
Sobre a mocidade linda
Cidade limpa
Que água lavou
O tempo esgotou
Pro velho time
mediocre o início
Chegou o fim
livre do vício
Do antigo indício
A placa
Onde é proibido libdo
Já mudou, foi retirada
Hoje vamos pra

Atrevo-se sim
A dizer que achamos o remédio
Pro coração embalado a vácuo:
– vai amor aí?

[Lulina]

Que se quebrem as grades das prisões
Só peixe morto vai a favor da correnteza
Repetir até acreditar
Repetir até acreditar
Repetir até acreditar

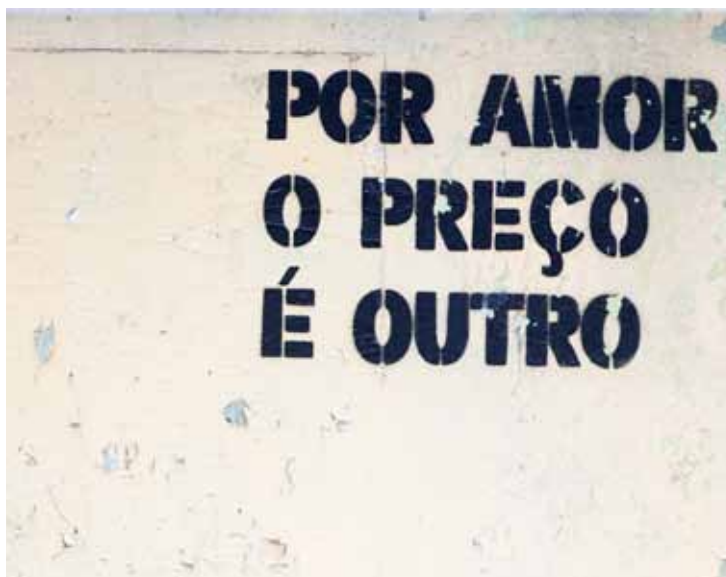


[Gregorio Duvivier]

Melhor dizer melhor tudo
aquilo que já se diz de cor
e salteado de um novo verbo
melhor: eu melho, tu melhas,
ele melha, tomara que o mundo
melhe para melhor: tomara
do verbo tomarar: eu tomaro
tu tomaras ele tomara: tomara
que o mundo tomare a cada
dia melhor porque por enquanto
a gente só pia pra pior: por
um português melhor – tomare.

[Marcelino Freire]

HOSPÍCIO CULTURAL
ao homem que é assim doido de pedra
no meio da fumaça aérea ao chão
poesia
quando bater aquela fissura
cair de cabeça toda a humilde estrutura
poesia
para a legião de sombras perdidas
por dentro da escuridão sem sol na solidão
poesia
para quem vive nas crateras do centro
no hospício a céu aberto no mundo da rua



EM TODOS OS CANTOS

Festas independentes e projetos culturais que ocupam espaços ociosos de São Paulo criam novo movimento urbano, valorizando a convivência nas ruas da cidade

Cláudia Melo e Gustavo Fioratti

Bem próximo ao cruzamento das avenidas Ipiranga e São João, naquele mesmo pedaço que o músico baiano Caetano Veloso uma vez homenageou na canção *Sampa*, um edifício de mais de vinte andares permaneceu quase uma década com as luzes apagadas, inteiramente vazio. Até que, em 2009, uma expedição de jovens liderados pelo DJ alemão residente em São Paulo Thomas Haferlach, 33, decidiu que aquele seria o lugar ideal para a realização de uma festa. O projeto da Voodoohop nasceu assim, com um pé na clandestinidade e outro na legitimação de uma ideia que qualquer urbanista sabe de cor: espaços vazios são vilões dos centros urbanos e podem ganhar vida se reocupados por projetos que estimulem a convivência e o encontro.

São Paulo renasceu na última década com projetos que, similares à Voodoohop, não tomam o espaço público apenas como lugar de passagem. A remodelação da praça Roosevelt,

hoje um dos mais importantes pontos de convivência na região central da cidade, foi estimulada pelas atividades de um pequeno grupo de teatro, por exemplo. Os Satyros abriram ali sua sede no ano 2000, enfrentando “um ambiente escuro, ocupado por traficantes e outros tipos de bandidos”, como conta Ivam Cabral, um dos diretores da companhia.

Em 2006, a trupe de palhaços Parlapatões resolveu abrir sua casa a poucos metros dali. Os dois pequenos teatros, conjugados cada um a um bar, atraíram gente e também a atenção do poder público. O governo do Estado, em 2007, convidou a companhia a elaborar o projeto de uma escola de teatro que ocupasse um edifício no endereço. Após funcionar provisoriamente em uma casa no Brás, a SP Escola de Teatro foi inaugurada na praça Roosevelt em 2010. Para Guto Requena, arquiteto autor de uma coluna sobre problemas urbanos no jornal *Folha de S.Paulo*, “essa ocupação de espaços públicos com eventos cívicos e festas é fundamental”. Ele não está falando apenas sobre São Paulo. “Londres, Berlim e Nova York começaram a investir nesse tipo de projeto nos anos 1980”, explica. O arquiteto e urbanista cita como modelo de proposta de ocupação a série de projetos artísticos realizados autonomamente sobre o Minhocão, avenida elevada que corta parte da região central da cidade (*leia ao lado*).

As transformações provocadas por projetos independente também resultam em atritos, até hoje resolvidos pacificamente. A Voodoohop, por exemplo, foi lacrada em 2010 pela prefeitura por falta de alvará. Meses depois, já readequada a cartilha de funcionamento, reabriu no mesmo endereço. Há três anos, o núcleo é convidado pela própria prefeitura a fazer edições especiais da festa na famosa Virada Cultural, projeto realizado desde 2005 que, uma vez por ano, ocupa o centro com eventos ligados à música, ao teatro, à literatura e às artes visuais. A febre pegou. No início deste ano, um grupo de 30 jovens abriu mais uma possibilidade de ocupação. Na madrugada do dia 25 de janeiro, aniversário de São Paulo, aproveitou que a prefeitura fecha o trânsito de um viaduto no centro em horários específicos. Com uma caixa de som portátil, sob o comando do DJ Chico Tchello, iniciou ali dentro uma festa. Quem passava do lado de fora, na boca do túnel, via gente dançando sob a luz branca que ilumina o local. O grupo foi atraindo mais gente e, pela manhã, haviam cerca de cem pessoas se divertindo ao som de MPB e versões eletrônicas. A festa voltou a acontecer sete vezes, e o espaço ganhou o apelido de Buraco da Minhoca. “O trocadilho remete ao Minhocão e também faz referência à teoria de buracos no tempo e no espaço que levam a várias dimensões”, teoriza Tchello. Mas nem todo mundo gostou da proposta, no entanto. Por causa do barulho, moradores do bairro pediram à prefeitura que a festa fosse proibida. Embora simpática à ocupação, a subprefeitura da Sé, que cuida da região, ouviu os moradores. Na última semana de março, informou aos organizadores da festa que o evento só poderia ser realizado de dia, aos domingos, e se houvesse uma ambulância à disposição dos frequentadores. Outra exigência: o número máximo de pessoas por evento também não poderia ultrapassar 250. “Estamos desconstruindo tudo. Pegamos um túnel que estava fechado para o trânsito e transformamos ele num espaço de reflexão. Esse é o nosso legado”, diz Tchello. “A ideia é ressignificar a cidade. Dar utilidade a ela, sem esperar iniciativa do poder público. Os grupos vão e fazem, aí é só o governo entender a reflexão e procurar ajudar”, conclui.

O subprefeito da Sé, Alcides Amazonas, afirma ser a

Abaixo, festa no Buraco da Minhoca, debaixo do Minhocão

Na página ao lado: acima, piscina instalada no Minhocão; abaixo, habitantes se reúnem no Largo da Batata e o grupo Esparrama apresenta seu espetáculo ao ar livre também no Minhocão





2

favor das ocupações urbanas e também diz que a gestão do prefeito Fernando Haddad estimula a ideia de que áreas degradadas sejam “ocupadas de diversas formas, não só com atividades anuais, mas permanentes”. “Nós vamos facilitar para que isso ocorra, mas sempre dentro das normas. Quem organiza esses eventos precisa arcar com as regras, porque o poder público também tem suas limitações”, diz ele.

Mais recentemente, as ocupações de espaços públicos também passaram a ter representações fora da região central. No Largo da Batata, que passou por uma reforma por conta da chegada de uma estação de metrô há três anos na região oeste, toda sexta é dia de festa. O coletivo A Batata Precisa de Você ocupa o local com mobiliários e atividades culturais de lazer. Um bate-papo sobre o próprio largo e propostas de melhorias também fazem parte da programação. Laura Sobral, fundadora do grupo, acredita que incentivar o vínculo afetivo entre habitante e a cidade gera uma cidade mais viva. “Há muitos espaços públicos na cidade sem infraestrutura para serem considerados espaços de convivência. Imagino que, se essa ideia de ocupação dos espaços públicos se espalhar, teremos uma cidade mais humana.”

VALE TUDO NO MINHOCÃO

O elevado Costa e Silva não é exatamente um cartão-postal de São Paulo. Construído nos anos 1970 à revelia da opinião de urbanistas, a via suspensa mais esquisita da cidade cruza parte do centro ligando a porta de entrada da região leste à região oeste. Feio, bruto e descon-

juntado, acabou desvalorizando toda a região da avenida São João e da rua Amaral Gurgel. Apelidado pejorativamente com o nome Minhocão, passou desde suas origens a receber grande fluxo de automóveis.

Mas essa sua vocação agora está sendo repensada. Fechado para carros entre 21h30 e 6h e também aos domingos, o elevado tem sido usado como um parque. Recebe pedestres, ciclistas, skatistas e também virou palco de festas. “Cinco minutos depois de fechar para o trânsito, ele já está lotado de gente praticando esporte, conversando, convivendo. Foi uma ocupação natural”, conta o ator Iarlei Rangel, do grupo teatral Esparrama, que promove ali, desde novembro, o espetáculo *Esparrama Pela Janela*. Iarlei é vizinho do “monstro de concreto” há dez anos. Como muitos apartamentos na região, o seu tem janela colada à construção. “Estávamos ensaiando a peça e, no intervalo, notávamos uma reação de curiosidade das pessoas que passavam pelo Minhocão e olhavam para dentro do apar-

tamento. Aí percebemos que havia um real potencial cênico para algo apresentado na janela”, conta Rangel. A peça, com bonecos, passou a ser exibida aos domingos, e o grupo chegou a fazer sessão para mais de 350 pessoas.

Em março, uma das ocupações mais curiosas do Minhocão aconteceu com o apoio da prefeitura. Uma piscina de 50 metros de extensão e 30 centímetros de profundidade foi instalada no elevado para uso de quem quisesse aproveitar a tarde. A proposta e a realização foram da arquiteta Luana Geiger. “A rua é lugar de encontro”, diz ela, “não tem porta pra selecionar quem tá dentro e quem tá fora”. A arquiteta conta que sua ideia foi inspirada por outras expressões artísticas realizadas nos últimos anos no local. Quem passa pelo Minhocão hoje, por cima ou por baixo dele, vai encontrar assim um lugar bem mais colorido. Desenhos na parede, fotografias coladas ao concreto e outras pinceladas do gênero fazem desta construção estranha de São Paulo um convite à visitação. ♦



3



4

Transformação o tempo todo em ritmo intenso

Mariluce Moura

Com seus 11,8 milhões de habitantes – e 20,8 milhões em sua região metropolitana –, São Paulo é a maior cidade da América Latina e uma das metrópoles globais do mundo, o que a inclui entre aquelas que articulam e distribuem os fluxos internacionais do capital, de gestão e de negócios. Simultaneamente, no olhar autorizado da arquiteta e urbanista Raquel Rolnik, 57 anos, sendo muitas, São Paulo é única em sua pulsação vibrante e ritmo veloz, a despeito das semelhanças que guarda com outras grandes cidades cosmopolitas, inclusive Buenos Aires. E Raquel pode afirmá-lo com base em sua vasta experiência como relatora internacional do direito à moradia adequada do Conselho de Direitos Humanos da ONU, o que vem lhe permitindo comparar desde 2008 dezenas de cidades do mundo todo. Ou com o conhecimento acumulado em muitos anos como consultora de cidades brasileiras e latino-americanas em política urbana e habitacional. Professora da respeitada Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), Raquel foi também diretora de planejamento da cidade de São Paulo e secretária nacional de programas urbanos do Ministério das Cidades no período 2003-2007, durante a gestão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Foi na FAU, no começo de abril, que ela concedeu a entrevista cujos principais trechos publicamos a seguir.

Que cidade é São Paulo?

São múltiplas cidades simultaneamente, em complementação e em conflito. Na medida em que tomamos São Paulo como metrópole corporativa, capital do capital financeiro da América Latina, ela tem uma dimensão, uma espacialidade, uma forma de organização que é muito clara e tem, inclusive, uma simbologia urbanística muito clara através das margens da avenida Marginal do rio Pinheiros, na expansão em direção à zona sul. O modelo de ocupação dessa área é absolutamente antiurbano. As calçadas da Berrini não medem nem 90 centímetros, não estão pensadas para que as pessoas andem por ali. É um modelo para al-



guém que entra no carro, deixa-o numa garagem ou estacionamento, e fica fechado. Ali inclusive estão começando a surgir os complexos multiuso, com torres de escritórios, hotéis e shoppings, tudo junto para se nascer ali, nunca sair dessa área e nunca ter contato com a cidade.

São ilhas?

Sim, são ilhas corporativas isoladas. A não-cidade, no sentido da dimensão pública que constitui historicamente a cidade. Mas há muitas outras cidades simultaneamente. Se vamos ao centro histórico de São Paulo, ao distrito Sé-República e aos bairros no entorno, Santa Cecília, Vila Buarque, vê-se uma cidade onde de um lado estão os excluídos, a ponta extrema da desigualdade social que ali se faz presente – os viciados em crack, os sem-teto, os moradores de rua –, mas em que ao mesmo tempo há uma dinâmica de uso. E esta compreende o abandono por parte do poder público ao mesmo tempo que o uso e a ocupação dessa área. Ela é absolutamente viva e agitada, desde os movimentos de moradia que ocupam prédios vazios até os coletivos de artistas que ocupam os espaços públicos e uma nova vida noturna que emerge com bares e restaurantes,

um circuito cultural e de música absolutamente fervilhante que se renova e explode cotidianamente. É o lugar do encontro de uma nova classe média mais jovem que se muda para lá, mora, vive ali, e pensa numa vida com transporte coletivo de massa, porque ali tem metrô. Reflexo disso também, mas uma outra cidade, vê-se na avenida Paulista: uma espécie de encontro dessas duas cidades, porque de um lado há a presença da cidade corporativa, de alta renda, mas também a forte apropriação por parte de jovens de todas as partes da cidade. E se seguimos caminhando pela cidade, temos hoje as periferias, pois já não é mais a periferia.

Elas são qualitativamente diferentes umas das outras?

Sim, em primeiro lugar, porque estão em distintos graus de consolidação. O processo histórico da construção das periferias foi de autoconstrução e autopromoção da casa e da cidade pelos próprios trabalhadores. O urbanismo e a cidade chegaram depois. Dependendo do momento em que essa ocupação se deu, da força política e da capacidade de organização das pessoas que estavam lá, hoje se encontram em distintos graus

de consolidação. Há periferias consolidadas que atravessam um processo de transformação radical e outras absolutamente precárias. Há áreas que misturam as duas coisas.

Em seu blog, recentemente você abordou a verticalização e a revivência dos blocos de rua no Carnaval. Pode comentar isso?

Nosso debate sobre a verticalização foi historicamente muito capturado pela forma com que o abordou a legislação urbanística. Desde que existe uma lei de zoneamento que a aborda (1956), ela se concretiza através do coeficiente de aproveitamento. Chegou-se a definir que na maior parte da cidade poderia se verticalizar para uso residencial, desde que o empreendimento se desse em terrenos grandes, não ocupasse a totalidade do terreno, deixasse uma parte vazia. E assim surgiu esse modelo, antiurbano, privatista e isolado, que é o edifício no centro do lote exclusivamente residencial, cercado de tranqueiras usadas pelos próprios prédios, com o conceito de que a área de lazer deve estar dentro do lote, e não no limite, nem no espaço público.

Mas qual poderia ser uma visão diferente de verticalização?

Temos que discutir: qual verticalização? Para quem? Como? E também a própria forma da verticalização, porque se pode ter modelos em que o espaço público é qualificado através da intervenção que se faz no espaço privado. Não é só uma questão de altura, mas também da relação do edifício com a rua, do fato de serem mistos ou não, da localização das áreas públicas do edifício, se para fora ou para dentro. Tudo isso é um debate urgente, que São Paulo precisa fazer agora com a revisão do Plano Diretor e da Lei de Zoneamento.

Você crê que São Paulo encontrará novas formas de trabalhar essa interação?

Sim, porque na verdade a cidade é tão múltipla, complexa e diversa em termos dos segmentos que a compõem, que teoricamente esses novos produtos que possamos fabricar na cidade terão sempre compradores. Ainda mais se tivermos em nossa legislação – o que é fundamental – instrumentos de política fundiária para que essas áreas possam ser acionadas não apenas por setores de renda média e alta, mas também por setores de menor renda. Hoje temos instrumentos financeiros, como os subsídios, que permitem fazer isso, então temos que repensar do ponto de vista urbano. Qual é a política fundiária que vamos fazer?

Ou seja, estamos exatamente nesse momento-chave.

Estamos. E São Paulo tem a faca e o queijo na mão para começar a implementar uma reforma urbana no sentido de uma cidade mais democrática, mais justa, mais equilibrada do ponto de vista ambiental e social. Também estamos vivendo um momento muito especial, porque nunca antes – na história desta cidade – tivemos uma

parcela significativa da classe média defendendo a mudança do modelo de cidade e dizendo que quer uma cidade estruturada não para o automóvel, mas para o transporte coletivo de massa. E que quer uma cidade em que os espaços públicos de qualidade sejam nosso maior patrimônio.

Aí entramos na questão da ocupação do espaço pelas manifestações das pessoas.

Isso está acontecendo na cidade de São Paulo em todas as escalas. O movimento de ocupação pode ser detectado pelo aumento do número de bares que ficam nas calçadas – ficar nas calçadas é expor-se ao espaço público, à cidade. Há um aumento sensível no uso de praças onde elas existem e são bem cuidadas. E aí se veem uma ocupação muito grande e coisas que não se viam há cinco anos, como, por exemplo, pessoas fazendo festa para seus filhos no meio da praça, fazendo piquenique e convidando crianças que estão ali a participar. Há movimentos mais ou menos organizados por coletivos como Baixo Centro, Cooperifa, saraus, no centro e na periferia, em escalas diferentes. E se pode ir dessa escala até as manifestações de junho de 2013, onde uma grande ocupação do espaço público da cidade ressoou uma vontade também, entre outras pautas, de transformação dessa dimensão pública, de uma melhor mobilidade, etc.

E onde está a raiz desse movimento?

No mal estar decorrente da exacerbação do modelo de privatização e do modelo excludente de cidade que nos guiou até hoje e que mostrou seus limites. Um dos sinais mais evidentes desse esgotamento é a imobilidade, o congestionamento. O transporte coletivo de massa nesta cidade nunca foi prioridade. Quando isso se torna um problema? Quando se amplia o poder de consumo dos setores de menor renda e eles passam a comprar carros e motos e começam a disputar o espaço dos carros – e, disputando-o, também disputam o espaço do ônibus –, e então bloqueia-se tudo. Aí queremos outro modelo, inclusive a classe média quer transporte coletivo de qualidade.

Com que outra cidade São Paulo parece, dentro do Brasil e fora do país?

São Paulo é muito única: parece e não parece com Mumbai, na Índia – no sentido do caos na mobilidade, das ilhas privatizadas, na contraposição entre a cidade formal e a cidade informal que está presente lá e cá, mas é totalmente diferente. Parece e não parece com Nova York, porque é uma cidade múltipla, vibrante, e ambas têm uma pulsão e um ritmo de produção cultural e tecnológica, intelectual, ambas giram rapidíssimo; mas Nova York está estruturada sobre o transporte coletivo de massa e conta com uma enorme estruturação do espaço público, coisa que São Paulo não tem. Parece e não parece com a Cidade do México, em termos de dimensões. Lá também tem periferias autoconstruídas e o centro e arredores têm elementos muito semelhantes aos de São Paulo e também elementos muito diferentes. São Paulo

dialoga com essas grandes cidades. E no Brasil, claro que há algumas questões que se vê também no Rio de Janeiro, em Porto Alegre ou em Belo Horizonte, porque são elementos comuns do modelo de exclusão territorial, mas é um sítio urbano bastante particular, no alto do planalto, cheio de colinas; a topografia marca a especificidade da cidade, concede-lhe um caráter único.

Ainda que São Paulo seja muitas cidades, há algo que marcaria a alma de toda a cidade?

Sim, creio que a pulsão da cidade, aquela ideia de que São Paulo não pode parar, que todo mundo tem pressa, que tudo se faz rápido. Talvez seja exatamente por isso que a paralisação da mobilidade seja tão angustiante, porque incide sobre um pedaço da alma da cidade. Outro elemento que tem a ver com o ritmo: são impressionantes a transformação e a capacidade de mudança. Se você vai nos bairros e volta lá seis meses depois, já há negócios novos, loja que fechou, coisa que está diferente. É uma cidade em transformação, o tempo todo, num ritmo intenso.

Você trabalhou com a noção de cidades nódulos da globalização. Como as vê hoje?

São Paulo é uma das cidades globais. Medir o grau de “globalidade” da cidade é ver quanto estão presentes ou nela aportam fluxos internacionais globais, de gestão, de negócios, do capital estrangeiro. São Paulo sempre foi também uma cidade cosmopolita, com uma presença grande de estrangeiros a partir do começo do século 20. Houve também e há uma presença muito grande de migrantes nacionais. São Paulo é a mais importante “capital” do Nordeste brasileiro, tem marcas extremamente importantes de sua cultura. A multiculturalidade é seu elemento forte, várias culturas transitam e estão presentes ao mesmo tempo e, num estilo muito brasileiro, com antropofagia. Não sem tensão, não sem conflito. Mas é uma cidade de migrantes e imigrantes, é uma cidade de fronteira aberta. E nisso é muito parecida com Nova York.

Você vê alguma semelhança entre São Paulo e Buenos Aires?

Sim, há semelhanças. Quando elaborei o relatório do Direito à Moradia Adequada na Argentina e penetrei nas periferias e nas favelas de Buenos Aires, senti muitas semelhanças. Mas Buenos Aires tem duas coisas que fazem com que ela seja radicalmente diferente. Primeiro, o centro de Buenos Aires nunca saiu do centro, nunca migrou, enquanto a centralidade de São Paulo migrou em direção ao centro-sudoeste e ao sul, e a cidade experimentou um processo de abandono do centro histórico por parte das elites. Segundo, a estrutura de mobilidade pública de Buenos Aires é infinitamente mais desenvolvida, com o metrô e tudo isso, e mesmo o urbanismo nas áreas mais centrais da cidade é mais consolidado e muito mais generoso, com calçadas feitas para andar, para os pedestres; é uma qualidade de urbanismo muito melhor. ♦

PROGRAMAÇÃO POR DIA

FILMES, ENCONTROS, SARAUS E APRESENTAÇÕES*

24/4

20h30

Abertura da Mostra de Cinema com o filme *Entre nós*, no Espaço INCAA Gaumont

25/4

20h00, no CCBA

Mesa sobre o campo intelectual no Brasil e na Argentina, com Maria Arminda do Nascimento Arruda, Sergio Miceli, Carlos Altamirano e Alejandro Blanco, e a curadoria da professora Maria Arminda Nascimento Arruda

26/4

16h00, no estande

Mesa com o sociólogo Sergio Miceli, autor de *Intelectuais à Brasileira*

19h00, no estande

Mesa com as escritoras Paula Fábrio e Gabriela Cabezón Cámara

20h30, no pavilhão

Show da cantora Tulipa Ruiz

22h00, no Malba

Filme *Entre Nós*, de Paulo Morelli e Pedro Morelli, no Malba

27/4

14h30, no estande

Apresentação do livro *Narrar San Pablo*, com os editores Helena Bonito Pereira (Brasil) e Carlos Gezera (Argentina)

16h30, no estande

Mesa sobre filosofia e literatura com a escritora e tradutora Maria Cecília Gomes dos Reis

18h30, no estande

Sarau Cooperifa

20h00, no Malba

Filme *Antônia: O Filme*, direção de Tata Amaral

22h00, no Malba

Filme *A casa de Alice*, direção de Chico Teixeira

28/4

15h00, no estande

Mesa com o escritor Ilan Brenman

16h00, no Galpón Cultural

Piedrabuenarte

Saraus

16h30, no estande

Mesa com o músico, jornalista e escritor Cadão Volpato

18h00, no estande

Encontro: Cooperifa e outros coletivos

29/4

15h00, no estande

Mesa com a escritora Heloisa Prieto, autora de *Monstros e Mundos Misteriosos*

16h30, no estande

Mesa com o escritor Fernando Bonassi, autor de *Prova Contrária*

Das 18h00 às 22h00, no estande

Grande sarau coletivo e apresentação da antologia *Saraus. Movimiento/Literatura/Periferia, São Paulo* (editora Tinta Limón)

de Lucía Tennina

30/4

10h00, no Presídio de

Devoto

Sarau

15h00, no estande

Mesa com a autora de livros juvenis Shirley Souza

16h30, no estande

Mesa com a narradora de histórias Regina Machado e com o escritor e ilustrador Ricardo Azevedo

Das 18h00 às 19h30, no estande

Sarau

20h00, no estande

Mesa sobre samba e cultura popular com o escritor e ilustrador Ricardo Azevedo

20h30, no La Casona

Sarau

21h00, no Pavilhão

Show da banda de percussão Barbatuques

1/5

10h00, no Presídio de

Devoto

O historiador e educador Allan da Rosa fala das edições independentes

15h00, no estande

Mesa da editora Índigo, sobre livros infantis

16h30, no estande

Mesa sobre poesia com Fabrício Corsaletti, Cristian di Nápoli e Alberto Martins

17h00, no Malba

Filme *Alma Corsária*, direção de Carlos Reichenbach

17h30, no estande

Mesa sobre o escritor Rodolfo Walsh, com o tradutor Sergio Molina e o escritor Ricardo Lisias

18h30, no estande

Mesa sobre tradução com Fabrício Corsaletti, Alberto Martins, Sergio Molina e Ricardo Lisias

21h00, no Malba

Filme *Antônia: O Filme*, direção de Tata Amaral

20h00, no estande

Apresentação de sarau

23h00, no Malba

Filme *Quanto dura o Amor?*, direção de Roberto Moreira

2/5

Das 15h00 às 17h00, no estande

Oficina de encadernação para crianças com professores da Aber

17h00, no estande

Sarau

18h00, no Malba

Filme *O Bandido da Luz Vermelha*, direção de Rogério Sganzerla

19h00, no estande

Mesa com os escritores Emílio Fraia e Oliverio Coelho

20h00, no Malba

Filme *O Invasor*, direção de Beto Brant

20h30, no estande

Apresentação do livro de Arnaldo Antunes

22h00, no Malba

Filme *2 Coelhos*, direção de Afonso Poyart

24h00, no Malba

Filme *O Bandido da Luz Vermelha*, de Rogério Sganzerla

3/5

Das 13h30 às 14h30,

no estande

Sarau

15h00, no estande

Oficina de encadernação

17h30, no estande

Mesa com o escritor Marçal Aquino

18h00, no Malba

Filme *Sábado*, direção de Hugo Giorgetti

20h30, no Pavilhão

Show de Arnaldo Antunes

22h00, no Malba

Filme *Durval Discos*, de Anna Muylaert

24h, no Malba

Filme *Pixote, a Lei do Mais Fraco*, direção de Héctor Babenco

4/5

15h00, no estande

Oficina de encadernação

17h30, no estande

Mesa sobre cartunistas com

Kioskerman, Gervasio Troche, Bruno Maron e Alexandra Moraes, com a mediação de Cecília Arbolave e João Varela

18h00, no Malba

Filme *Os 12 Trabalhos*,

de Ricardo Elias

19h00, no estande

Apresentação de *El Libro de los mandarines*, de Ricardo Lisias

20h00, no Malba

Filme *Linha de Passe*, de Walter Salles e Daniela Thomas

20h30, no estande

Mesa com os escritores Ivana

Arruda e Joca Terron

22h00, no Malba

Filme *Pixote, a Lei do Mais Fraco*, de Héctor Babenco

* Esta programação está sujeita a alterações

5/5

15h00, no estande

Mesa sobre imigrantes em São Paulo, com Clara Politi e a socióloga Oriana Maculet

Das 16h00 às 17h00, no Galpón Piedrabuenaarte

Sarau

Das 17h00 às 18h00, no estande

Debate sobre o desafio das pequenas editoras, com Eduardo Lacerda (editora Patuá), Allan da Rosa, Mariana Warth (Libre), João Varella (Lote 42) e Ioni Scheines e Matías Duarte (Ediciones Galería)

Das 18h30 às 19h30, no estande

Mesa sobre o mercado editorial latino-americano, do ponto de vista dos autores contemporâneos, com Joca Terron, Florência Garramuño, Cristian de Nápoli e Marcelo Barbão

Das 20h00 às 21h00, no estande

Mesa sobre o mercado editorial latino-americano e as barreiras alfandegárias, com a embaixadora Magdalena Faillace e José Castilho

19h00, na Biblioteca

Nacional

Show para crianças: grupo Palavra Cantada
21h00, no Niceto
Show do grupo de rap Racionais Mcs

6/5

15h00, no estande

Mesa com os jornalistas Vagner de Alencar e Bruna Belazi

Das 16h30 às 19h30, no estande

Sarau

20h00, no estande

Performance Mokumokuren com o Coletivo de Cabeceira

21h00, no Niceto

Show do rapper e cantor Emicida

7/5

Das 15h00 às 16h30, no estande

Sarau

17h00, no estande

Mesa com a jornalista e escritora Lucrecia Zappi

18h30, no estande

Mesa com a escritora e roteirista Juliana Frank e com o escritor Reinaldo Moraes

20h00, no La Casona

Sarau

8/5

10h00, no Presídio de Devoto

Sarau

15h00, no estande

Mesa com o escritor Carlito Lima

17h00, no estande

Mesa com o poeta Marcos Siscar

17h00, no Malba

Filme *Fogo e Paixão*, direção de Isay Weinfeld e Marcio Kogan

18h30, no estande

Apresentação: sarau

21h00, no Malba

Filme *As Melhores Coisas do Mundo*, direção de Laís Bodanzky

23h00, no Malba

Filme *Bróder*, de Jeferson De

9/5

15h00, no estande

Mesa com a arquiteta e desenhista Carla Caffé

16h30, no estande

Sarau

18h00, no Malba

Filme *O Ano em que meus Pais Saíram de Férias*, direção de Cao Hamburger

19h30, no estande

Apresentação do livro *Nuestros huesos*, de Marcelino Freire

20h00, no Malba

Filme *Bróder*, de Jeferson De

20h30, no estande

Mesa sobre literatura marginal, com os escritores Marcelino Freire e Ferréz

22h00, no Malba

Filme *O Invasor*, de Beto Brant

24h00, no Malba

Filme *Encarnação do Demônio*, de José Mojica Marins

10/5

15h00, no estande

Mesa com o escritor Gustavo Piqueira

16h30, no estande

Sarau

17h00, no Malba

Filme *São Paulo – Sinfonia & Cacofonia*, de Jean Claude-Bernardet

18h00, no Malba

Filme *Estamos juntos*, de Toni Venturi

20h30, no Pavilhão

Show do cantor Criolo

22h00, no Malba

Filme *Trabalhar Cansa*, direção de Marco Dutra e Juliana Rojas

24h00, no Malba

Filme *Encarnação do Demônio*, de José Mojica Marins

11/5

17h00, no estande

Mesa com o arquiteto Gilles Eduar

17h00, no Malba

Filme *São Paulo – Sinfonia & Cacofonia*, de Jean Claude-Bernardet

18h00, no Malba

Filme *A Via Láctea*, direção de Lina Chamie

18h30, no estande

Mesa com a escritora Andréa del Fuego

20h00, no Malba

Filme *São Paulo, S.A.*, de Luis Sérgio Person

20h00, no estande

Mesa com o escritor Marcelo Mirisola

22h00, no Malba

Filme *O Signo da Cidade*, direção de Carlos Alberto Riccelli

PROGRAMAÇÃO DE FILMES NO MALBA

As Melhores Coisas do Mundo, 2010, de Laís Bodanski.

ELENCO: Caio Blat e Denise Fraga. SINOPSE: Inspirado na série de livros Mano, de Gilberto Dimenstein e Heloisa Prieto, o filme narra o período de um mês na vida do jovem Hermano e seus amigos, que estudam num colégio de classe média da capital paulista e enfrentam os dilemas característicos da adolescência.

2 Coelhos, 2012, de Afonso Poyart.

ELENCO: Alessandra Negrini, Caco Ciocler e Fernando Alves Pinto. SINOPSE: Edgard é um cara cansado da desgraça social e da corrupção. Resolve agir por conta e fazer justiça com as próprias mãos. E elabora um plano em que os bandidos se enfrentarão com os políticos.

A Casa de Alice, 2007, de Chico Teixeira. ELENCO: Berta Zemel, Ricardo Vilaça, Vinicius Zinn e Zé Carlos Machado.

SINOPSE: Alice é uma manicure de uns 40 anos que mora na periferia da cidade de São Paulo. Seu casamento está em conflito, mas ela faz “vista grossa” e também tem suas aventuras. Nilson, seu namorado da adolescência, surge como um candidato a realizar seus sonhos românticos.

A Via Láctea, 2007, de Lina Chamie. ELENCO: Alice Braga, Fernando Alves Pinto e Marco Ricca. SINOPSE: O professor de Literatura e escritor Heitor e a atriz Júlia namoram já faz algum tempo. Entardece na cidade de São Paulo e o casal discute violentamente por telefone. Angustiado, Heitor pega o carro e vai para a casa da namorada. No trajeto pelas ruas de São Paulo, o trânsito, os pedestres, tudo interage com suas divagações.

Alma Corsária, 1993, de Carlos Reichenbach. ELENCO: Abrahao Farc, Bertrand Duarte e Carolina Ferraz. SINOPSE: Rivaldo Torres e Teodoro Xavier, dois amigos de infância, apresentam o livro Sentimento Ocidental. Os poetas invitam todo tipo de gente para o evento, inclusive a um suicida potencial, a quem Torres já salvou no Viaduto do Chá. Enquanto a festa avança, o filme retrocede para o final da década de 1950 e surge a gênese da amizade dos dois protagonistas, o que leva a um final de surpresas.

Antônia, 2006, de Tata Amaral. ELENCO: Cindy Mendes, Nathalye Cris, Negra Li e Sandra de Sá. SINOPSE: A história se baseia na aventuras musicais de quatro garotas que sonham em virar cantoras e moram na periferia de São Paulo. Produzida como série de televisão, virou depois filme.

Bróder, 2011, de Jeferson De. ELENCO: Ailton Graça, Caio Blat, Cássia Kiss e Zezé Motta. SINOPSE: A história ocorre em 24 horas, e traça o reencontro de três amigos que compartilharam a infância em Capão Redondo: Jaiminho, um jogador de futebol com projeção; Pibe, um sacrificado corretor imobiliário; e Macu, o jovem protagonista que continua no bairro, flertando com a criminalidade.

Durval Discos, 2002, de Ana Muylaert. ELENCO: André Abujamra, Ary França, Ety Fraser, Fábio Sleiman, Isabela Guasco, Kadu Torres, Ken Kaneko e Letícia Sabatella. SINOPSE: Durval é o dono de uma loja de discos de vinil em Pinheiros, na zona oeste de São Paulo. Apesar de ter chegado aos 40, mora com a mãe, numa casa contígua à loja. Sem

sucumbir aos CDs, o proprietário acaba restringindo seu público a poucos clientes, que quase nunca compram nada.

Encarnação do Demônio, 2008, de José Mojica Marins. **ELENCO:** Adriano Stuart, André Frateschi, Andrey Marins, Cleo de Paris, Cristina Aché, Débora Muniz, Docinho e Eduardo Chagas. **SINOPSE:** Após 30 anos preso, Zé do Caixão sai finalmente em liberdade. Novamente em contato com as ruas, o sádico coveiro está decidido a cumprir a mesma meta que o levou à cadeia: encontrar à mulher que lhe faça um filho perfeito. Na caminhada pela cidade de São Paulo, deixa um rastro de horror ao se enfrentar às crendices populares.

Entre Nós, 2012, de Paulo Morelli. **ELENCO:** Carolina Dieckmann, Maria Ribeiro, Caio Blat e Martha Nowill. **SINOPSE:** Isolados numa casa de campo em 1992, jovens amigos decidem escrever e enterrar cartas destinadas a eles próprios, para abri-las dez anos depois. Porém, depois de uma tragédia que acontece naquele mesmo dia, os amigos permanecem dez anos sem se ver, e o reencontro traz à tona antigas paixões, novas frustrações e um segredo.

Estamos Juntos, 2010, de Toni Venturi. **ELENCO:** Cauã Reymond, Débora Dubboc, Leandra Leal e Nazareno Casero. **SINOPSE:** A médica Carmem enfrenta a notícia de uma doença grave que a instiga a viver intensamente. Uma das primeiras mudanças é a relação simultânea com um homem misterioso e o com o músico Juan. Porém o novo comportamento de Carmem entra em conflito severo com a vida que ela levava antes, o que pode resultar em destruição.

Fogo e Paixão, 1988, de Isay Weinfeld e Márcio Kogan. **ELENCO:** Mira Haar, Cristina Mutarelli, Carlos Moreno, Fernando Amaral, Iara Jamra, Riva Nimitz, Ken Kaneko, Yvonne Buckingham, Ed Stanton, Julio Levy e Cassiano Ricardo. **SINOPSE:** Um grupo de pessoas passeia por uma grande cidade. No retorno a casa, o japonês Kaneko, um dos turistas, mostra o vídeo do passeio para um grupo de amigos.

Linha de Passe, 2008, de Walter Salles e Daniela Thomas. **ELENCO:** Kaique de Jesus Santos e Vinícius de Oliveira. **SINOPSE:** Quatro irmãos moram na periferia de São Paulo. Por causa da ausência do pai, eles precisam lutar pelos seus sonhos. Reginaldo, o mais novo, procura obstinadamente seu pai, a quem nunca conheceu. Dario, que está por fazer 18 anos, sonha em ser jogador de futebol profissional. Dinho, que trabalha num posto de gasolina, busca na religião o consolo por um passado obscuro. Dênis, o mais velho, tem um filho e ganha sua vida como motoboy.

O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias, 2006, de Cao Hamburger. **ELENCO:** Caio Blat, Daniela Piepszyk, Michel Joelsas, Paulo Autran e Simone Spoladore. **SINOPSE:** Em 1970, a maior preocupação na vida de Mauro (Michel Joelsas), 12 anos, pouco tem a ver com a ditadura militar: seu maior sonho é ver o Brasil tricampeão mundial de futebol. De repente, é separado dos pais sem saber por que e é obrigado a se adaptar a uma estranha e divertida vizinhança no Bom Retiro, bairro de judeus e italianos.

O Bandido da Luz Vermelha, 1968, de Rogério Sganzerla. **ELENCO:** Carlos Reichembach, Ezequiel Neves, Maria Carolina Whitaker, Maurice Capovila, Miriam Mehler e Neville de Almeida. **SINOPSE:** Um assaltante misterioso usa técnicas extravagantes para roubar casas de luxo em São Paulo. A imprensa o apelida “O Bandido da Luz Vermelha”, pois sempre anda com uma lanterna vermelha em suas andanças e conversa longamente com suas vítimas.

O Invasor, 2002, de Beto Brant. **ELENCO:** Paulo Miklos, Marco Ricca, Alexandre Borges. **SINOPSE:** Estevão, Ivan e Gilberto são colegas desde tempos da faculdade. Além disso, são sócios numa construtora bem-sucedida há mais de 15 anos. A relação entre eles sempre foi muito boa, até que um desentendimento na condução dos negócios faz com que choquem com Estevão, o sócio majoritário. Acuados, Ivan e Gilberto decidem contratar Anísio, um matador de aluguel.

O Signo da Cidade, 2007, de Carlos Alberto Riccelli. **ELENCO:** Bruna Lombardi, Graziella Moretto, Juca de Oliveira Luis Miranda, Rogério Brito, Sidney Santiago e Thiago Pinheiro. **SINOPSE:** Gil é casado, mas está sozinho. Lydia flerta com o perigo. Josialdo nasceu para ser mulher. Mônica só quer se dar bem. No programa noturno de rádio que atende ouvintes anônimos, a astróloga Teca se vê entre os anseios dos outros e os próprios problemas.

Os 12 Trabalhos, 2006, de Ricardo Elias. **ELENCO:** Cynthia Falabella, Flavio Bauraqui, Francisca Queiroz, Lucinha Lins, Luiz Baccelli e Paulo Américo. **SINOPSE:** Após sair da Febem, Heracles tenta superar seu passado em busca de um trabalho honesto como motoboy. Para conseguir o emprego, o adolescente precisará realizar doze tarefas atravessando todos os bairros paulistanos.

Pixote – a Lei do Mais Fraco, 1981, de Héctor Babenco. **ELENCO:** Beatriz Segall, Edilson Lino, Elke Maravilha, Jardel Filho, João José Pompeu, Jorge Julião, Marília Pêra, Rubens de Falco e Tony Tornado. **SINOPSE:** Pixote, um contraventor de 11 anos, vai para a Febem, onde faz amizades e presencia a violência, o tráfico e a corrupção. Aproveitando a visita de um juiz de menores, o garoto foge da instituição com o travesti Lilica e seu amante Dito.

Quanto Dura o Amor?, 2009, de Roberto Moreira. **ELENCO:** Danni Carlos, Fábio Herford, Maria Clara Spinelli, Paula Pretta, Paulo Vilhena e Silvia Lourenço. **SINOPSE:** Três personagens, em busca de alguém a quem amar, dividem a moradia no conturbado coração de São Paulo. Ao chegar do interior, a aspirante a atriz Marina mergulha na sedutora noite da cidade, sem calcular riscos. A advogada Suzana vive uma paixão promissora, mas guarda um segredo que pode mudar tudo. O romântico Jay, um escritor esquecido, tenta achar uma brecha num coração de acesso difícil.

Sábado, 1994, de Ugo Georgetti. **ELENCO:** Elias Andreato, Giulia Gam, Marilha Padilha, Otávio

Augusto, Renato Consorte e Tom Zé. **SINOPSE:** uma equipe de publicitários transforma o saguão de um velho prédio no centro de São Paulo num ambiente de luxo, com a intenção de gravar um comercial. Numa sucessão de incidentes engraçados, a diretora artística do anúncio fica trancada no elevador, junto com o cadáver de um velho morador e dois empregados do Instituto Médico Legal que foram buscar o corpo. Desesperada, ela pede ajuda e seu ajudante reúne os vizinhos para tentar consertar o elevador.

São Paulo – Sinfonia & Cacofonia, 1984, de Jean-Claude Bernardet. **SINOPSE:** O filme é uma ode de amor e ódio à cidade de São Paulo, com imagens e barulhos que expressam o prazer angustiante de viver nesta cidade.

São Paulo S.A., 1965, de Luis Sergio Person. **ELENCO:** Altamiro Martins, Nadyr Fernandes, Sílvio Rocha e Walmor Chagas. **SINOPSE:** Carlos é um jovem de classe média que se une a um rico empresário do setor automotivo de São Paulo. Casado, tem um bom trabalho e uma boa vida social, mas nunca está realmente satisfeito e pretende dar uma guinada na sua vida.

Trabalhar Cansa, 2011, de Marco Dutra e Juliana Rojas. **ELENCO:** Gilda Nomacce, Helena Albergaria, Marat Descartes e Mariana Flores. **SINOPSE:** A jovem dona de casa Helena resolve realizar um antigo desejo e abrir seu primeiro empreendimento: um mini mercado. Contrata a faxineira Paula para que cuide da casa e de Vanessa, sua filha. Quando o marido Otávio perde o emprego de gerente numa corporação, as relações pessoais e de trabalho entre os personagens passam por uma inversão.

DEZ DICAS PARA FICAR MAIS ÍNTIMO DE SÃO PAULO



Em sentido horário,
o compositor Criolo,
a cineasta Laís Bodansky
e a dramaturga
Michelle Ferreira



Lucas Nóbile

Não existe um guia turístico capaz de contemplar a quantidade de programas culturais que pontuam o mapa de uma cidade com o tamanho de São Paulo. Esta cidade é infinita.

Os roteiros publicados por jornais e os mapas distribuídos pelos órgãos de promoção do turismo dão conta do circuito tradicional. Mas a metrópole que abraça 20 milhões de pessoas e por onde passam 13 milhões de turistas anualmente esconde muito mais em seus becos e ruas de bairro.

Na seleção abaixo, indicamos dez opções que passam por um crivo pouco ortodoxo, o do afeto. Artistas que moram e trabalham na cidade sugerem, aqui, cantinhos que os inspiram.

O roteiro passa por rodas de samba, saraus na periferia, cinemas antigos. Também inclui uma praça no centro da cidade conhecida por ser ponto de encontro de gente ligada ao teatro: a Roosevelt, que com esse nome de presidente americano tornou-se também palco de manifestações políticas.

Há, na lista, opções que não custam nem um real. Quem passeia pelas ruas da Vila Madalena, um dos bairros mais boêmios da cidade, pode, por exemplo, visitar o famoso Beco do Batman, estreito e todo colorido pelos grafites. São dicas para quem quer conhecer a cidade intimamente.

1. PAGODE DA 27, POR CRIOLO, RAPPER

Todos os domingos, parte da antiga rua 27, no bairro Grajaú, zona sul da cidade, é coberta por uma lona, que dá teto a uma roda de samba com mais de dez instrumentistas. Comandado pelo sambista Nenê Partideiro, o Pagode da 27 apresenta desde 2005 sambas inéditos e sucessos da música brasileira. “Transporta para uma realidade muito particular da cidade”, diz Criolo, que cresceu na região. Com 25 anos de carreira, o cantor ganhou projeção nacional após o disco *Nó na Orelha*, de 2011, e já se apresentou com Chico Buarque de Hollanda, Caetano Veloso, Milton Nascimento, Mulatu Astatke e outras feras.

ONDE Rua Manuel Guilherme dos Reis, 500, Parque Grajaú; tel. (11) 98360-8827; **QUANDO** dom., das 16h às 20h; **QUANTO** 1 quilo de alimento não perecível

2. PRAÇA ROOSEVELT, POR GERO CAMILO, ATOR

Gero Camilo é uma figura conhecida por sua atuação em peças, filmes e minisséries brasileiras. O diretor e autor de espetáculos teatrais frequenta a praça Roosevelt, reduto de pequenos teatros e bares. Cheia de jovens skatistas durante toda a semana, a praça acabou se tornando também palco de manifestações políti-

cas. “Boa parte da boemia paulistana se concentra ali, atores, diretores, cineastas, cantores, bailarinos, artistas plásticos, jornalistas. Quase todos, uma hora ou outra, dão uma passadinha no bar dos Parlapatões”, diz o ator, referindo-se à casa mantida por um famoso grupo teatral formado por palhaços. “Se gosta de cultura e lazer, a praça Roosevelt é o lugar.”

ONDE Praça Roosevelt, Centro; **QUANDO** todos os dias; **QUANTO** grátis

3. BECO DO BATMAN, POR LAÍS BODANSKY, CINEASTA

A cineasta Laís Bodansky rodou todos os seus filmes em São Paulo, entre eles o premiado *Bicho de Sete Cabeças*. Para ela, um dos lugares mais interessantes da cidade é a rua Gonçalo Afonso, localizada na Vila Madalena, bairro tradicional da boemia paulistana. Conhecida como Beco do Batman, desde a década de 1980 a viela funciona como uma galeria de arte a céu aberto por ter suas paredes cobertas por grafites de diferentes artistas. “Todos os meus filmes foram rodados em São Paulo, tenho intimidade com a cidade. Aquele beco é uma obra de arte ao ar livre, é uma experiência e mostra como o grafite está invadindo a cidade de uma forma bacana.”

ONDE Rua Gonçalo Afonso, Vila Madalena; **QUANDO** todos os dias; **QUANTO** grátis

4. PARQUE TRIANON, POR ANDRÉA DEL FUEGO, ESCRITORA

Vencedora do prêmio José Saramago por seu livro *Malaquias* (2010), a escritora Andréa Del Fuego gosta de fazer pequenos retiros em um parque situado no coração da via mais simbólica da cidade, a avenida Paulista. O parque conta com variedade de espécies da Mata Atlântica e guarda, por exemplo, exemplares da árvore que deu nome ao país, o pau-brasil. “É um lugar onde podemos esquecer a poluição sonora. É um intervalo no meio do maior fluxo da cidade, um ótimo exemplar da fauna paulistana com bancos sob sombras”, diz a autora, que teve um conto seu incluído na antologia *30 Mulheres Que Estão Fazendo a Nova Literatura Brasileira* (2005).

ONDE Avenida Paulista, 1.700; tel. (11) 3253-4973; **QUANDO** das 6h às 18h; **QUANTO** grátis

5. SARAU DA COOPERIFA, POR EMICIDA, RAPPER

Um dos nomes mais respeitados da atual geração da música brasileira, Leandro Roque Ferreira, conhecido como Emicida, tem sido requisitado para festivais internacionais, como o americano South by Southwest (SXSW). O compositor é presença garantida no bar do Zé Batidão, onde acontece o Sarau da Cooperifa, tradicional encontro de poetas da periferia paulistana. O local, que recebe não apenas moradores do Jardim São Luís, mas também muitos visitantes de outros bairros vizinhos, promove inclusive sessões de curtas às quintas, no já tradicional Cinema na Laje. “É um lugar fascinante, no coração da zona sul, onde dezenas de pessoas se reúnem para celebrar.”

ONDE Bar do Zé Batidão, rua Bartolomeu dos Santos, 797, Jardim São Luís; tel. (11) 5891-7403; **QUANDO** quartas, das 21h às 23h; **QUANTO** grátis

6. MINHOCÃO, POR MICHELLE FERREIRA, DRAMATURGA

A cena teatral de São Paulo tem sido reinventada por artistas na casa dos 30 anos. Entre eles, está a dramaturga Michelle Ferreira, autora de *Existe Alguém Que Nos Odeia*. Michele conta que busca inspiração na esquisitice do elevador Presidente Costa e Silva, estrutura criticada por urbanistas, batizada com o nome de um general que foi presidente durante o regime militar brasileiro. Apelidado carinhosamente com o nome Minhocão, hoje o elevador tem sido ocupado aos fins de semana por projetos culturais. Moradores e turistas também aproveitam para pedalar, correr e passear sobre ele aos domingos, dia em que fica fechado para a passagem de carros. “É errado, brutal, tipo aberração. Uma obra-cicatriz de mais de três quilômetros que fica no meio da cara já bem torta de São Paulo. Numa paisagem perfeita, sempre me sinto deslocada. No Minhocão, não. O Minhocão é o apocalipse. E o mundo nem acabou ainda.”

ONDE Elevador Presidente Costa e Silva (passa sobre a rua Amaral Gurgel, no Centro); **QUANDO** aos domingos tem o trânsito fechado para carros e liberado para ciclistas e pedestres; **QUANTO** grátis



Ao lado, o ator Gero Camilo; abaixo a cantora Tulipa Ruiz



7. RUA AUGUSTA, POR TULIPA RUIZ, CANTORA

Autora do álbum *Efêmera* (2010) e integrante de uma geração de jovens compositores e intérpretes, Tulipa Ruiz indica um lugar conhecido por roqueiros e boêmios, a rua Augusta. Com suas lojas, bares e casas noturnas, essa via foi marcante para revelar nomes da cena musical independente brasileira nos anos 2000. “Na Augusta fica um dos primeiros onde cantei. Também é o endereço da Neto Discos, primeira loja de CDs que topou comprar meu álbum e dava a maior força colocando ele para tocar o dia todo. É lugar de concentração e trajeto para o bloco de Carnaval Acadêmicos do Baixo Augusta, do qual tenho a honra de ser madrinha. Numa ponta da Augusta, está a praça Roosevelt. Se você desce para o outro lado, chega no Museu da Imagem e do Som.”

ONDE Rua Augusta, Centro; **QUANDO** todo dia; **QUANTO** grátis

8. MERCEARIA SÃO PEDRO, POR CAETO MELO, QUADRINISTA

Autor do livro *Memória de Elefante*, Caeto Melo cita, em sua obra, um clássico da noite bicho grilo paulistana, o bar Mercearia São Pedro, na Vila Madalena. Informal, a casa recebe gente de bermuda ou mesmo de chinelos. Além de vender DVDs e livros, tem cardápio com sanduíches e porções de carnes. Destaque para os pastéis servidos por volta das 20h e que acabam rapidinho. Sempre lotado, o Mercearia, como é chamado, tinha como um dos seus frequentadores mais assíduos o “Doutor” Sócrates, ídolo do time de futebol Corinthians, jogador da seleção brasileira, que morreu em 2011. “Quando morava em São Paulo, ia sempre no Mercearia São Pedro, na Vila Madalena, bairro onde passei boa parte da minha vida. Lá conheci alguns escritores e sempre encontrava algum quadrinista para trocar ideia.”

ONDE Rua Rodésia, 34, Vila Madalena; tel. (11)

3815-7200; **QUANDO** segunda a sábado, das 8h à 1h; dom., das 8h às 18h; **QUANTO** grátis

9. CINE MARABÁ, POR KIKO DINUCCI

Compositor de sambas, Kiko Dinucci e os parceiros Romulo Fróes, Marcelo Cabral e Rodrigo Campos têm a cidade como inspiração para o disco *Passo Elétrico*. Muito ligado também a cinema e artes visuais, o compositor elege o Cine Marabá, no centro de São Paulo, como um local importante em sua vida. “Além da arquitetura maravilhosa no interior, essa sala apresentava em sua fachada um painel pintado à mão. É a única sala comercial de cinema do centro de São Paulo que, embora descaracterizada, não virou estacionamento ou igreja neopentecostal.”

ONDE Avenida Ipiranga, 757, Centro; tel. (11) 5053-6881; **QUANDO** das 13h às 22h; **QUANTO** de R\$ 5 a R\$ 20

10. TRÂNSITO, POR ANTONIO PRATA, ESCRITOR

Escritor e roteirista, autor de livros como *Meio Intelectual*, *Meio de Esquerda* e *Nu, de Botas*, Antonio Prata tem no trânsito de São Paulo, considerado um dos piores do mundo, momentos de inspiração para seus textos. “Para mim, como escritor, o lugar mais inspirador na cidade de São Paulo é o trânsito. Ah, quantos momentos infinitos de ócio forçado! Estamos sós. Em silêncio. Não podemos sequer falar ao celular, afinal, estamos dirigindo. Quem precisa de um chalé nas montanhas? Dizem que Baudelaire passeava por Paris com uma tartaruga na coleira, no que seria o apogeu da flânerie. Pois no trânsito de São Paulo nós passamos dentro da tartaruga, estamos presos ao seu casco com Jonas à baleia. Se o trânsito continuar piorando neste ritmo, podemos esperar, em breve, obras tão longas e densas que farão com que *Guerra e Paz* pareça um haikai.”

ONDE em todo lugar; **QUANDO** imprevisível; **QUANTO** grátis



Um menino
joga bola no
bairro da Boca

Sobre revoluções, futebol e churrasco

Silvio Lancelotti

Os torcedores da Argentina que viajarem ao Brasil, para a Copa do Mundo de 2014, podem carregar nas suas bagagens uma certeza absoluta: serão recebidos com o máximo de respeito, atenção e carinho.

Com cerca de 60 mil bilhetes (média de oito por pessoa) comprados até os começos de maio, os torcedores da Argentina só ficam atrás daqueles dos Estados Unidos (o absurdo inesperado de 160 mil interessados em um elenco sem chances) e da surpreendente Colômbia (68 mil). À frente, no entanto, da potente Alemanha (58 mil), três vezes campeã, da infelizmente sem chances Austrália (48 mil). Um sinal de que os torcedores da Argentina sabem que todo o Brasil aguarda o seu desembarque com os braços escancarados.

Trata-se de um desfecho positivíssimo para uma história de inúmeros atritos e de complexas contradições. A história de uma rixa veneranda, que se transformou em rivalidade nos tempos da colonização do Novo Mundo, en-

tornos dos séculos XV e XVI. Então, em 1494, única vizinha de Portugal na Europa, a Espanha, sua mais feroz competidora pelo domínio do mar, assinou um documento, na cidade castelhana de Tordesilhas, que garantia a divisão do continente em dois segmentos cortados por uma linha imaginária localizada 370 léguas a oeste do arquipélago de Cabo Verde, no Atlântico. Acreditava piamente que o teor do documento lhe daria várias vantagens.

De fato, em favor da coroa ibérica o explorador genovês Cristóvão Colombo (1451-1506) já havia descoberto as plagas do Caribe, Hemisfério Norte. Pedro Álvares Cabral (1467 ou 1468-1520) apenas acharia o futuro Brasil em 1500. De todo modo, dentro da parcela que coube aos lusitanos, no hemisfério oposto, existiam oito mil quilômetros de orla junto ao oceano.

À Espanha sobrou o interior inóspito. Uma área muito maior em tamanho, mas apenas acessível através do desbravamento de vastos matagais ou após um perigoso trajeto de contorno na extremidade sul do Novo Mundo.

Desavenças perduraram em séculos subsequentes. Emancipada desde a sua Revolução de Maio de 1810, entre 1825 e 1828 a Argentina se aliou ao Uruguai na Guerra Cisplatina. Independente desde 1822, o Brasil havia anexado as terras que seguiam do rio Grande ao rio da Prata. Uma ameaça expansionista que a Argentina não podia tolerar. Mas, daí, décadas após, na Guerra do Paraguai, a principal contenda bélica da história da América do Sul, a Argentina e Brasil foram aliados quase afetuosos. Ostentavam as suas diferenças, objetivos não necessariamente comuns. De dezembro de 1864 até março de 1870, porém, na parceria do Uruguai, com a chamada Tríplice Aliança, preservaram a mesma meta: destruir as ambições de independência econômica do Paraguai.

Conseguiram. Cessaram os seus atritos militares e/ou diplomáticos. Sobreviveria, basicamente, a rude rivalidade de no futebol.

O primeiro duelo entre as duas seleções, um prélio amistoso, também o primeiro desafio internacional do Brasil, aconteceu em Buenos Aires, no estádio do Gimnasia y Esgrima, em 20 de setembro de 1914. Diante de 18 mil espectadores, a equipe hospedeira arrasou o time visitante, 3 x 0. Consolo: logo depois, em 27 de setembro, no mesmo endereço, em cotejo oficial pela Copa Roca (homenagem a Júlio Roca, 1843-1914, ex-presidente platino), o time do Brasil arrebatou o seu primeiro troféu, numa vitória de 1 x 0.

Reais, nos números, as estatísticas da rivalidade atestam que, no global, as duas seleções disputaram 95 porfias – 35 sucessos do Brasil, 36 da Argentina e 24 empates. Os auriverdes anotaram 145 tentos; os alviazuis, 151. Houve seis jogos em eliminatórias da Copa, com três vitórias do Brasil (onze tentos), duas da Argentina (oito) e um placar de 0 x 0. No Mundial propriamente dito houve quatro confrontos – duas vitórias do Brasil (cinco tentos), um triunfo da Argentina (três) e um outro 0 x 0. Em nenhum desses eventos, fique claro, se sucederam imbróglis dentro do gramado.

Detalhe charmoso: o Brasil importou, para seus clubes, mais craques do que a Argentina para os dela. Em ordem cronológica, no Brasil luziram astros como o virtuoso Antonio Sastre (década de 40, São Paulo); o armador Villadoniga (40, Palmeiras); o goleiro Eusébio Chamorro (50, Flamengo); os arqueiros José Poy e Bonelli (50, São Paulo); o médio Luís Villa (50, Palmeiras); o meia Negri (50, São Paulo e Santos); o avançado Albella (50, São Paulo); o



ala Menotti (60, Santos e Juventus); o avançado Sanfilippo (60, Bangu e Bahia); o zagueiro Ramos Delgado (60/70, Santos); o artilheiro Luisito Artime (60/70, Palmeiras e Fluminense); o atacante Doval (60/70, Flamengo e Fluminense); os arqueiros Andrada (70, Vasco) e Cejas (70, Santos e Grêmio); o central Perfumo (70, Cruzeiro); o volante Madurga (70, Palmeiras); o goleiro Fillol (80, Flamengo); o goleiro Goycochea (90, Internacional); o lateral Sorín (anos 2000, Cruzeiro); o artilheiro Carlitos Tevez (2000, Corinthians); o volante Mascherano (2000, Corinthians).

Além de ocupar um volume bastante menor, a exportação de astros do Brasil, para os clubes da Argentina, essencialmente predominou até os arredores dos meados do século passado – e no Boca Juniors. Sempre em ordem cronológica, o zagueiro Bianco (década de 10, Atlético Porteño); o ala Ismael Alvariza (20, Boca); o central Domingos Da Guia (30, Boca); o volante Martim Silveira (30, Boca); o atacante Waldeimar de Brito (aliás, o descobridor de um certo Pelé, 30, San Lorenzo) e o seu irmão ala Petronilho (30, San Lorenzo); o avançado Heleno de Freitas (40, Boca); o artilheiro Yeso Amalfi (40, Boca); o ponteiro Maurinho (50, Boca); o zagueiro Orlando Peçanha (60, Boca); o volante Dino Sani (60, Boca); o armador Moacir (60, River Plate); os meias de ligação Almir Pernambuquinho (60, Boca) e Silva (60, Racing); os goleadores Delém (60, River) e Paulo Valentim (60, Boca); o ala Roberto Frojuello (60, River); o lateral Rodrigues Neto (70/80, Boca e Ferrocarril Oeste); o armador Silas (90, San Lorenzo); o artilheiro Charles (90, Boca); o lateral Baiano (2000, Boca); o centroavante Iarley (2000, Boca).

Paralelamente se propagou, em sentido bem inverso, a disseminação da cultura do churrasco. O paulistano saboreia a picanha grelhada desde a década de 1950, quando o milionário e playboy Baby Pignatari (1917-1977), frequentador assíduo do Restaurante Bambu, percebeu que o responsável pelas brasas, um portenho, manuseava uma peça de carne que, mesmo em suas andanças através do planeta, ainda não conhecia. Perguntou-lhe em que parte do traseiro do boi se situava a tal peça. O profissional, entre abusado e bem-humorado, espetou um dedo numa das nádegas do playboy e observou: “Onde se pica la anca”. Pignatari entendeu “picanha”. E “picanha” ficou.

Desde aquela época o Brasil busca, da Argentina, mestres nas grelhas e cortes fantásticos de carne de boi. Paulatinamente proliferaram, por todo o país, os lugares especializados no churrasco ao estilo platino. Só na cidade de São Paulo os endereços, excelentes, ultrapassam as duas dezenas. E em quase todos, durante a Copa, se farão promoções para que os visitantes com saudades da pátria possam aproveitar o ritual clássico diante dos telões em que se exibirão as partidas do timaço do treinador Alejandro Sabella.

Ah, acolhimento mais gostoso, convenhamos, impossível... ♦

Acima, Heleno de Freitas, que jogou no Boca Juniors na década de 1940; abaixo, Carlitos Tevez em foto de 2005, quando jogava no Corinthians



Olhar periférico

Ações públicas e privadas dão mais corpo à programações culturais em regiões afastadas do centro de São Paulo

Lucas Nóbile

Especialmente se aplicada à arte, a palavra “atemporal” pode cair como um belo elogio. Contraditoriamente, não é nada bom saber que *Mágico de Oz*, música do disco *Sobrevivendo no Inferno* (dois milhões de cópias vendidas desde 1997), do cultuado grupo paulistano de rap Racionais Mcs, trata de um assunto tão atual.

O rap composto por Edi Rock, Mano Brown, Ice Blue e KL Jay – “os quatro pretos mais perigosos do Brasil”, como eles se autodenominam – narra: “Moleque novo, que não passa dos doze/ Já viu, viveu mais que muito homem de hoje/ Vira a esquina e para em frente a uma vitrine/ Se vê, se imagina na vida do crime/ Dizem que quem quer segue o caminho certo/ Ele se espelha em quem tá mais perto”.

Nos últimos vinte anos, a partir da percepção de que a arte também pode servir como espelho, abriu-se espaço na periferia de São Paulo para vitrines culturais de vários portes.

O poder público investiu nos Centros Educacionais Unificados (conhecidos em São Paulo pelo apelido CEUs), nas Fábricas de Cultura e em outros equipamentos que, como estes, intercalam atividades artísticas e educativas. Mas a vizinhança, especialmente, não ficou de braços cruzados: muita gente, nesse curto período que avança o intervalo de uma década, colocou a mão na massa para criar centros de funcionamento autônomo.

Os saraus da Cooperifa (Cooperativa Cultural da Periferia), que acontecem há 13 anos, são um modelo para similares de gestão independente. “Quando eu era pequeno, achava que o planeta Terra tinha esse nome porque não existia asfalto, apenas ruas de terra. A minha realidade era a de terra arrasada. Hoje, mudou muita coisa, a história está sendo contada pela caça, não pelo caçador”, diz o poeta Sérgio Vaz, criador do sarau.

Chegar à “toca” onde essa “caça” tem riscado sua versão da história pode ser uma aventura para quem visita a cidade, e até mesmo para quem mora nela. Mas vale a pena.

Um trajeto possível começa na praça da Sé, marco zero da cidade, de onde parte um ônibus da linha 5318-10, Chácara Santana. Demora cerca de 1h30 até o número 797 da



rua Bartolomeu dos Santos, no Jardim São Luís, e ainda é preciso caminhar quatrocentos metros para, enfim, pisarmos o Bar do Zé Batidão.

O escondidinho de carne seca e a cerveja gelada já seriam motivos suficientes para encarar a viagem. Mas, além do menu trivial, o local ganhou importância ao escrever passagens fundamentais na história cultural da cidade. É lá que todas as quartas Vaz reúne cerca de 500 pessoas por noite para compartilhar poesia.

As referências conceituais do poeta passam por “símbolos sagrados” da história de São Paulo, como a Semana de Arte Moderna de 1922, marco do modernismo brasileiro. “Eles [os artistas] canibalizavam a Europa para regurgitar a arte à maneira brasileira. Agora, nós comemos a cultura do Centro para regurgitar do jeito da periferia. A gente não pode ser apenas consumidor, a gente também é artista e quer produzir. E o grande barato de tudo isso é a cidadania. Antes, a gente queria mudar da periferia, hoje a gente quer mudar a periferia”, pontua Vaz, sobre a concepção do que denominou “antropofagia periférica”.

Para a antropóloga Érica Peçanha do Nascimento, pós-doutoranda da Universidade de São Paulo que desenvolve pesquisas voltadas para a produção cultural dos bairros de

Jovens dançam street dance no Centro Cultural da Juventude, na zona norte de São Paulo



À esquerda, street dance no Centro Cultural da Juventude; abaixo, aula de cavaquinho no Centro Cultural Arte em Construção; na página ao lado, encontros e debates sobre literatura marginal na livraria Suburbano Convicto

periferia, os saraus literários (hoje há mais de cinquenta espalhados pela cidade) cumprem papéis que transcendem os limites do entretenimento. “Vão muito além do recital poético. São também encontros comunitários para troca de ideias, para a discussão da experiência dos moradores da periferia, elaboração de novas perspectivas educacionais e profissionais, além da possibilidade de fruição cultural”, explica.

As iniciativas não se limitam apenas à literatura e à música. Projetos que envolvem outros campos de expressão artística, como o teatro e as artes visuais, também fazem parte das transformações sociais dos bairros mais afastados do centro.

Um exemplo é o Instituto Pombas Urbanas. O grupo começou seu percurso como uma companhia de teatro e há dez anos atua em atividades que investigam possibilidades de democratização da cultura, no bairro Cidade Tiradentes, extremo leste de São Paulo. Anualmente, no Centro Cultural Arte em Construção, um galpão que passou anos abandonado, o grupo estima receber mais de 20 mil pessoas.

“Há quem diga que ali poderia haver um shopping ou um outro grande empreendimento. A cultura não está a serviço dos interesses econômicos, e isso gera profundo incômodo aos que visam o lucro e não o desenvolvimento, comenta Adriano Mauriz, coordenador do Pombas Urbanas. “Os espaços e movimentos culturais surgidos na periferia representam um contraponto à ‘invisibilidade’ imposta aos interesses da população”, completa.

Dentre as iniciativas ligadas à música erudita, a de maior projeção

é a Orquestra Sinfônica de Heliópolis, administrada pelo Instituto Bacarelly, que atua em comunidade da zona sul da cidade desde 1996. O instituto fornece formação musical a cerca de 1.200 crianças. Os alunos que se destacam no curso acabam ingressando na orquestra, que já se apresentou em locais como a Sala São Paulo e o Theatro Municipal de São Paulo.

“Esses meninos são oriundos de um ambiente até então totalmente refratário à música de concerto. Hoje, não há mais nenhuma barreira que os separe desse universo”, diz o maestro Isaac Karabtchevsky, diretor artístico e regente titular da orquestra.

Projetos criados pelos moradores de regiões periféricas acabaram chamando a atenção de instituições privadas, que começam a se interessar em quebrar barreiras geográficas e sociais para estabelecer diálogos. O grupo Itaú Cultural, vinculado a um banco, por exemplo, passou a apoiar Vaz na realização dos *Encontros Poéticos*, que têm escritores da periferia como convidados. A Petrobras, empresa petroleira nacional, também publicou recentemente um livro sobre a história da Cooperifa na coleção *Tramas Urbanas*.

“É de alta importância estabelecer um diálogo de troca e ampliação de fronteiras entre as produções das diversas periferias e de fora delas. Nesse conjunto, todos podemos construir pontes para que a cena literária possa, de fato, integrar os vários rumos que segue a cultura realizada nas periferias. Muito rica, ela nem sempre encontra condições adequadas para sair do seu círculo”, diz Eduardo Saron, diretor do Itaú Cultural.

A história do desenvolvimento destes circuitos periféricos se entrelaça com a trajetória de artistas que ganharam projeção também no campo comercial. O escritor Reginaldo Ferreira da Silva, o Ferréz, que estreou em 2000 com “Capão Pecado”, romance sobre o bairro do Capão Redondo, há quase duas décadas é um dos maiores representantes dentre os agitadores culturais da periferia. “A força que esses movimentos vêm alcançando com o passar dos anos mostra uma necessidade que as pessoas têm de buscar cultura. No começo foi difícil, mas hoje tudo anda forte, vários pontos de leitura estão sendo criados, e isso impulsiona a periferia para um avanço cultural”, diz.

“Não é fácil ter que trabalhar em outro serviço para gastar dinheiro com nossos eventos, é muito sofrido, mas estamos indo em frente, somos tipo um trator, para parar é complicado. Se um dia vier recurso, será bom para aumentar o trabalho.” Se não vier, prossegue o artista, seus vizinhos de profissão continuarão preparando o terreno. ♦





I. COOPERIFA

Criada em 2001 pelo poeta Sérgio Vaz, a Cooperativa Cultural da Periferia (Cooperifa) organiza um dos saraus de maior destaque na cidade. Os eventos, que acontecem todas as quartas no Bar do Zé Batidão, no Jardim Guarujá, Capão Redondo, chegam a receber até 500 pessoas.

ONDE Bar do Zé Batidão, na rua Bartolomeu dos Santos, 797, Jardim São Luís, tel. (11) 5891-7403; **QUANDO** quarta, das 21h às 23h

2. CENTRO CULTURAL DA JUVENTUDE (CCJ)

Outra iniciativa da Prefeitura de São Paulo, o Centro Cultural da Juventude (CCJ) fica localizado no bairro Vila Nova Cachoeirinha, na zona norte da cidade, e foi inaugurado em 2006. O local tem biblioteca, aulas de idioma, estúdio de gravação, ilhas de edição de vídeo e áudio, área de convivência e internet grátis, além de um espaço para shows que já recebeu apresentações de importantes nomes da cena musical paulistana.

ONDE Avenida Deputado Emílio Carlos, 3.641, tel. (11) 3984-2466; **QUANDO** ter. a sáb., das 10h às 22h, dom. e fer., das 10h às 18h

3. CASA DE CULTURA DO GRAJAÚ – PALHAÇO CAREQUINHA

Importante centro cultural do Grajaú, desde 2008 oferece oficinas de desenho, música e teatro, além de edições de festivais musicais e pequenas sessões de filmes seguidas de debates.

ONDE Rua Professor Oscar Barreto Filho, 50, Grajaú, tel. (11) 5924-9135; **QUANDO** das 9h às 22h

4. LIVRARIA SUBURBANO CONVICTO

O espaço criado pelo escritor Alessandro Buzo no Itaim Paulista, na zona leste de São

Paulo, mudou-se para o bairro do Bexiga em 2010 e tem mais de 1.500 livros disponíveis. No local também são realizados encontros e debates sobre literatura marginal e sobre atividades culturais na periferia.

ONDE Rua 13 de Maio, 70, 2º andar, Bixiga; tel. (11) 2569-9151; **QUANDO** das 10h às 19h

5. INSTITUTO POMBAS URBANAS

O instituto, que surgiu com uma companhia de teatro fundada em 1989, atua há dez anos no galpão Centro Cultural Arte em Construção, que recebe cerca de 20 mil pessoas por ano na Cidade Tiradentes, zona leste. Com o objetivo de democratizar a cultura e arte na periferia, promove atividades de capacitação profissional para jovens, gestão cultural, além de espetáculos de teatro.

ONDE Avenida dos Metalúrgicos, 2.100, Cidade Tiradentes; tel. (11) 2285-5699; **QUANDO** consultar programação no site www.pombasurbanas.org.br

6. COMUNIDADE CULTURAL QUILOMBAQUE

Surgida em 2005, a organização sem fins lucrativos promove diversas atividades culturais, como shows, peças de teatro, sessões de cinema, além de oficinas de grafite e de hip hop.

ONDE Travessa Cambaratiba, 5, Perus; tel. (11) 3917-3012; **QUANDO** das 9h às 20h

7. ESPAÇO SÃO MATEUS EM MOVIMENTO

Criado em 2008 para combater a violência envolvendo crianças e jovens da comunidade Vila Flávia, em São Mateus, na zona leste, o espaço tem biblioteca e oficinas de grafite, capoeira, artesanato, dança de salão, entre outras atividades.

ONDE Rua Cônego José Maria Fernandes, 128,

São Mateus; tel. (11) 98769-5679; **QUANDO** das 9h às 20h

8. CINE FAVELA

Associação cultural sem fins lucrativos, o Cine Favela atua em Heliópolis desde 2003. Cerca de 200 jovens são beneficiados por ano com atividades culturais e esportivas, como oficinas de cinema e teatro. Também é responsável pelo Festival Cine Favela de Cinema, que em oito edições já exibiu mais de 300 filmes.

ONDE Rua do Pacificador, 288, Heliópolis; tel. (11) 2914-2275; **QUANDO** das 10h às 20h

9. CENTRO DE ARTE E PROMOÇÃO SOCIAL (CAPS)

Com mais de duas décadas de atuação, o Centro de Arte e Promoção Social (Caps), localizado no Grajaú, é coordenado pela educadora Maria Vilani, que é mãe do compositor e cantor Criolo. A iniciativa promove desde 1991 rodas de poesia, cafés filosóficos, recreação infantil, entre outras atividades.

ONDE Rua Professor Oscar Barreto Filho, 50, Grajaú, tel. (11) 5924-9135; **QUANDO** das 9h às 22h

10. ESPAÇO COMUNIDADE

Nascida do Projeto Comunidade Samba do Monte, o Espaço Comunidade ganhou sede em 2012. O espaço cultural independente do Monte Azul promove saraus, exposições, shows e aulas de instrumentos musicais aos jovens, além de oficinas de artesanato, atividades infantis e sessões de filmes.

ONDE Rua Domingos Marques, 104, Jardim Monte Azul; tel. (11) 5851-4825; **QUANDO** das 9h às 20h

11. BAR/SEDE DA VILA FUNDÃO

Inaugurada em 2009, a sede foi construída pelos moradores. Na casa, onde funciona um bar, os jovens têm acesso a oficinas de grafite, teatro, música e cinema. A Vila Fundão, que é citada em várias letras dos Racionais MCs, também recebe shows e organiza um sarau todas as quintas, às 20h. Aos sábados, a roda de samba com feijoada reúne mais de mil pessoas.

ONDE Rua Gerson Marques da Silva, 22, Capão Redondo; **QUANDO** das 10h às 22h

12. SACOLÃO DAS ARTES

Localizado no Jardim São Luís, em M'Boi Mirim, o espaço tem parcerias com coletivos como a Brava Companhia de Teatro e o Núcleo de Comunicação Alternativa. O local, que funciona desde 2007, recebe shows, peças e ensaios de grupos, além de oferecer diversos cursos para crianças e adolescentes.

ONDE Avenida Cândido José Xavier, 577, Jardim São Luís, tel. (11) 5819-2564; **QUANDO** das 10h às 20h

Experiência

ÍNTIMA

relato

PESSOAL

Relatos autobiográficos, narrativas eróticas e exorcismo de traumas revelam novos traços de geração jovem de escritores de São Paulo

Fernando Masini



Dois episódios recentes jogaram luz sobre a nova geração de escritores brasileiros: em 2012, uma edição especial da influente revista britânica *Granta* foi dedicada aos jovens autores do país (com menos de 40 anos); e em outubro do ano passado, a Feira do Livro de Frankfurt homenageou o Brasil e recebeu quase 70 escritores nacionais na cidade alemã.

Assim, a literatura brasileira virou assunto de discussão fora do circuito acadêmico, contornando questões relativas a uma possível identidade particular. Existiria de fato uma nova geração de escritores no país produzindo em sintonia? Haveria uma unidade nos trabalhos produzidos nas últimas décadas? Como debater a literatura brasileira hoje para além das questões relativas à paisagem que o país empresta aos personagens aqui criados?

A seleção da revista *Granta*, que reuniu nomes como o gaúcho Daniel Galera, os cariocas João Paulo Cuenca e Laura Erber, a chilena radicada no Brasil Carola Saavedra e os paulistanos Ricardo Lísias e Emilio Fraia, pode ter sugerido uma primeira resposta. São comuns entre os contos e trechos de romances escolhidos os que evidenciam opção pela narração em primeira pessoa, a predominância do ambiente urbano e confrontos em relações familiares.

Os temas e o estilo de escrita, no entanto, estão longe de manter uma unidade homogênea. Para o curador da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) deste ano, Paulo Werneck, as distinções entre os autores chamam mais a atenção.

“A geração que escreveu sob a ditadura tinha um assunto quase obrigatório. Tudo era política, fosse em Raduan Nassar, Sérgio Sant’Anna, Rubem Fonseca ou Ivan Angelo, quatro autores muito diferentes que, nos anos 1970, acabavam falando da ditadura. Hoje há espaço para tudo, há leitor para todas as sensibilidades”, diz Werneck.

Na prosa de Ricardo Lísias, 38, eventos biográficos servem de inspiração para a criação literária, com exposição corajosa de algo íntimo. Em seu romance mais recente, *Divórcio* (2013), Lísias aborda o término de seu casamento, após os quatro meses de vida conjugal serem abortados com a descoberta de um diário escrito pela esposa no qual ela ataca o marido.

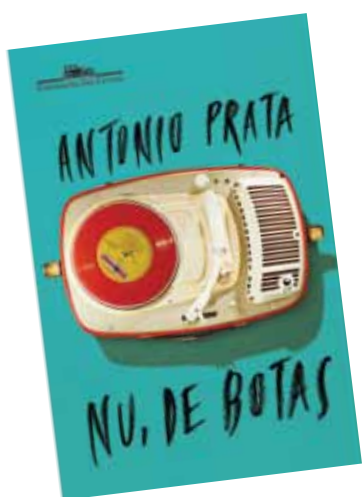
Ricardo esclarece que a opção de expor sua vida pessoal passa por uma espécie de exercício de questionamento do narrador, uma tentativa de deixá-lo vulnerável, e não uma simples confissão. “O que se chamou de autoficção, no caso do meu trabalho, tem ligação maior com a pesquisa sobre a figura do narrador que eu fazia anteriormente”, diz Lísias. “O narrador é uma das espinhas dorsais da literatura. Aos poucos,

fui percebendo a vulnerabilidade dele diante de algumas questões e tentei fazer narradores diferentes para observar como eles reagem diante de desafios distintos.”

Em *O Inventário das Coisas Ausentes* (2014), novo romance de Carola Saavedra, a escritora usa como epígrafe uma frase do pintor alemão Lucian Freud (1922-2011) que toca justamente na questão da ficção criada a partir de experiências pessoais. Diz a sentença: “Tudo é autobiográfico, mesmo que seja apenas uma cadeira”. O livro intercala duas histórias, a do filho que reencontra o pai após mais de duas décadas afastado, e a de um professor obcecado por uma mulher.

Saavedra, 41, que admite fazer parte dessa nova geração de escritores brasileiros, explica seu processo de criação: “Posso dar a um personagem características e pensamentos meus, sem que por cauda disso ele tenha o meu nome ou carregue a minha história de vida; ao mesmo tempo, o fato de criar um protagonista com meu nome e biografia não o torna menos fictício. De certa forma, todo personagem é confessional”.

Uma das mais jovens a figurar entre as mulheres (ao lado de Luisa Geisler, Tatiana Salem Levy, Paloma Vidal, Laura Erber, Juliana Frank, Ana Paula Maia e Vanessa Barbara) é Juliana Frank, 29. “Vivemos um ótimo momento. Existe lugar para nós entre leitores e editores. E pode-



mos criar uma narrativa que não imponha cisão de gênero”, diz a autora de *Quenga de Plástico* (2011), romance sobre uma ex-atriz pornô que narra sem pudor suas relações sexuais.

Em outro trabalho, *Meu Coração de Pedra-Pomes* (2013), ela desenvolve a história da garota Lawanda, que trabalha como faxineira em um hospital, mas paga as contas prestando serviços extras a pacientes. A obra de Frank, marcada pela escrita despretensiosa, pornográfica e bem-humorada, é com frequência cotejada com a prosa de Reinaldo Moraes, autor de *Pornopopeia* (2009). Ao criar personagens precários que atravessam escrita essencialmente coloquial, a autora busca dessacralizar a literatura. “Não pensar, para mim, é a melhor maneira de escrever”, diz Frank, cuja autora de cabeceira é a inglesa Charlotte Roche, que frequentemente também investiga possibilidades autobiográficas com focos em questões sexuais e íntimas da mulher.

Como um combatente veterano na trincheira cavada pelos jovens, o escritor paulistano Marcelo Mirisola, 47, notabilizou-se pelo estilo agressivo

e escrachado tanto de escrever quanto de falar. Autor de 15 livros, ele sacudiu o cenário literário ao lançar em 2002 o iconoclasta *O Azul do Filho Morto*, pelo qual foi apontado como um dos escritores mais promissores de seu tempo.

Ele não se enquadra na mais nova geração, mas é inegável que seja um dos precursores. Mirisola se autointitula como o “Pedro Álvares Cabral da autoficção no Brasil” e, sempre crítico, reclama que a maioria de seus pares é formada por “bundões profissionais”. O escritor acha que muitos escritores atuantes não se arriscam na literatura: “A negligência, o autismo, a alienação são mais do que estilo de vida, trata-se de opção deliberada, estratégia de sobrevivência”.

POLÍTICA X ALIENADA

A despolitização seria um sinal dos tempos entre os jovens escritores brasileiros, portanto? Não é o que pensa a escritora Carola Saavedra. “O que seria uma literatura alienada? Um texto que não fale diretamente sobre problemas sociais e políticos? A boa literatura nunca é alienada, ela fala da vida, de questões que dizem respeito a todo ser humano, ela nos torna pessoas mais conscientes”, diz.

Ricardo Lísias vai na mesma direção: “Acredito que incontornavelmente toda criação artística envolve, de um jeito ou de outro, uma intervenção política. Eu procuro apenas ser consciente disso”.

Os temas mais cosmopolitas e as passagens pelo cenário urbano, que prevalecem nas obras da nova geração, podem dar a falsa impressão de que a identidade nacional criada por gerações anteriores para expressar também olhares sobre as questões sociais (a miséria no Sertão, a opressão exercida por figuras e estruturas políticas, os temas regionalistas do passado), foram esquecidas pelos escritores. O posicionamento político, porém, ao contrário do que era ser visto na literatura produzida até os anos 1980 ao menos, surge num discurso menos direto.

Juliana Frank diz a respeito de seus personagens: “Se você coloca o personagem em uma situação social, num contexto histórico, está fazendo política. Não precisamos, ao escrever, expor os dramas de forma escancarada. Todas as minhas personagens estão em conflitos com o mundo. A quenga é uma atriz pornô, por exemplo. A Lawanda é faxineira, a Lavie é uma menina de 16 anos completamente abandonada pela família”, argumenta.

Além do prestígio entre críticos e especialistas da área, algumas obras dessa geração conquistaram espaço no mercado editorial, ingressando na lista de “best-seller”. Um dos romances mais bem-sucedidos é *Nu, de Botas* (2013), escrito pelo paulistano Antonio Prata, 36, que vendeu 13 mil exemplares até hoje. Com seu olhar bem-humorado sobre os costumes do jovem cosmopolita, Prata tornou-se um dos principais cronistas de sua geração.

“Meu trabalho é olhar em volta e contar o que vejo. Quando faço isso, vejo mais gente da minha idade, pois são as pessoas com quem eu ando, entre 30 e 40 anos. E também tento olhar pra mim, para o que estou sentindo e pensando. Se eu for bem-sucedido em falar sobre mim, descreverei bem todos aqueles do meu estrato socioeconômico-cultural e etário”, diz.

Outro nome que desponta nessa geração é Daniel Galera, que com *Barba Ensopada de Sangue* (2012), um dos finalistas do prêmio Jabuti do ano passado e vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura, conseguiu vender até agora 25 mil exemplares de seu livro. A obra também foi lançada em mais de dez países, inclusive a China.

Segundo a professora de literatura da UFRJ Beatriz Resende, em crítica publicada no jornal *O Globo*, Galera consegue com seu quarto romance “dar um pulo adiante, absolutamente surpreendente, salto que recusa qualquer acomodação e o lança nas perigosas águas do horror”.

A trama de *Barba Ensopada de Sangue* leva um professor de educação física de Porto Alegre a Garopaba, no litoral catarinense, onde ele investiga a morte do avô.

Galera é um dos autores nacionais mais jovens a conseguir projeção fora do país. Como ele, o carioca Bernardo Carvalho, apontado por críticos como um dos melhores escritores brasileiros em atividade, tem edições de *Nove Noites* (2002), vencedor do Prêmio Portugal Telecom, de *Mongólia* (2003), ganhador do Jabuti, e de *Reprodução* (2013) circulando em países como França e Portugal.

Ainda assim, o Brasil ainda carece de políticas de incentivo à publicação no exterior. Werneck, o curador da Flip, afirma que “hoje em dia qualquer país que não seja de língua inglesa e que queira promover sua literatura precisa financiar as traduções, ao menos em parte”.

Neste ponto, o Brasil ainda testa seus limites. ♦

TÚNEL DO TEMPO

A evolução da vida cultural da cidade de São Paulo em 22 tópicos

Fernando Masini

Na virada do século 19 para o século 20, com a chegada das primeiras levas de imigrantes, São Paulo pega carona no processo de industrialização do país e infla seus recursos para a cultura, tornando-se aos poucos uma potência das artes na América Latina. Esta linha do tempo faz um apanhado dos eventos mais importantes para a cidade desde 1895, quando é inaugurado o Museu do Ipiranga, marco arquitetônico da cidade, construído no mesmo lugar onde o príncipe D. Pedro I, em 1822, declarou o Brasil independente de Portugal, às margens do rio Ipiranga. São 22 tópicos essenciais para quem quer conhecer mais a fundo as raízes de um cenário que, ainda hoje, não para de expandir suas fronteiras. ♦



1895

No dia 7 de setembro, é inaugurado o Museu Paulista, que ficou popularmente conhecido como Museu do Ipiranga. A instituição tinha como objetivo celebrar a independência do Brasil e reunir objetos e documentos históricos. O acervo atual é composto de 125 mil peças, entre elas a pintura *Independência ou Morte* (1888), de Pedro Américo de Figueiredo e Melo.



1907

O primeiro cinema da cidade, o Bijou Theatre, abre as portas. Iniciativa dos empresários Francisco Serrador e Antonio Gadotti, a sala de exibição tinha capacidade para 400 espectadores e ficava localizada na avenida São João, no centro. Os filmes mudos eram projetados com o acompanhamento musical de um sexteto. Funcionou até 1914.

1911

Em 12 de setembro, o Theatro Municipal foi inaugurado. Projetada pelos arquitetos Ramos de Azevedo, Claudio Rossi e Domiziano Rossi, a casa foi inspirada na Ópera de Paris. Na noite de abertura, cerca de 20 mil pessoas compareceram ao local. A ópera *Hamlet*, adaptação de Shakespeare pelo francês Ambroise Thomas, foi encenada naquele dia.

1922

Em contraste com o conservadorismo que vigorava na arte brasileira, a Semana de Arte Moderna reuniu, no Theatro Municipal, cerca de cem obras, números musicais e palestras. Participaram artistas como Di Cavalcanti, Victor Brecheret, Anita Malfatti e Mário de Andrade. O evento, que ocorreu de 13 a 18 de fevereiro, inaugurou o modernismo no país.

1949

A construção dos estúdios da Vera Cruz foi uma tentativa de erguer uma indústria cinematográfica aos moldes de Hollywood no Brasil. A iniciativa ficou a cargo do empresário Francisco Matarazzo Sobrinho e do produtor italiano Franco Zampari. Nos imensos galpões, foram rodados filmes como *O Cangaceiro* (1952) e *Sinhá Moça* (1953).



1951

Um dos cartões-postais da cidade, o edifício Copan é a obra mais importante do arquiteto Oscar Niemeyer em São Paulo. O prédio sinuoso, localizado na avenida Ipiranga, foi idealizado como uma combinação de hotel, com mais de mil apartamentos, e áreas comerciais. Hoje abriga também restaurantes e galerias de arte.

1952

Em 9 de dezembro, o MAM (Museu de Arte Moderna de São Paulo) abrigou

a exposição *Ruptura*, idealizada pelo grupo de mesmo nome. A mostra com obras, em sua maioria, de artistas estrangeiros que moravam na cidade, como o austríaco Lothar Charoux e o polonês Anatol Wladyslaw, foi o marco da arte concreta no país.

1954 – O 1º Festival Internacional de Cinema do Brasil foi uma tentativa de trazer para São Paulo filmes estrangeiros ainda inéditos e, principalmente, estrelas de Hollywood. O festival foi realizado de 12 a 27 de fevereiro no extinto Cine Marrocos, no centro. Desembarcaram na cidade atores como Errol Flynn e Joan Fontaine.

1958
O Teatro Oficina, hoje cultuado em todo o país, nasce como grupo amador do centro acadêmico da Faculdade de Direito da USP. À frente da companhia estava o encenador José Celso Martinez Corrêa, ainda hoje na ativa. Sempre na vanguarda, o grupo montou nos primeiros anos peças como *Um Bonde Chamado Desejo*, de Tennessee Williams. Em 1967, encenaram um marco da dramaturgia brasileira, *O Rei da Vela*, de Oswald de Andrade.

1962
É criada a Fundação Bienal de São Paulo por iniciativa do empresário Francisco Matarazzo Sobrinho com o objetivo de difundir a arte contemporânea tanto nacional quanto estrangeira. O principal evento da fundação, a Bienal, teve sua primeira edição em 1951. Na segunda edição, a obra “Guernica”, de Picasso, é exibida.

1965
Primeira edição do Festival da Música Popular

Brasileira, na TV Excelsior. Até os anos 1980, esse evento ajudou a promover a música de compositores que se tornaram ídolos nacionais, como Chico Buarque. No primeiro programa, realizado em abril, a canção *Arrastão*, interpretada por Elis Regina, foi premiada.

1965
O filme *São Paulo S.A.*, de Luiz Sergio Person, tem pré-estreia em outubro no Cine Olido, no centro. Com Walmor Chagas como protagonista, o longa mostra a vida e o trabalho de um jovem de classe média em meio ao processo de industrialização da cidade. A obra bebeu na fonte do cinema novo, mais concentrado no Rio e na Bahia.

1967
A Tropicália, movimento cultural que deu um ar de novidade ao cenário musical dominado pela bossa nova, foi introduzida na cidade durante apresentação de Caetano Veloso, Gilberto Gil e os Mutantes no 3º Festival de MPB da TV Record. As canções *Alegria, Alegria* e *Domingo no Parque* ficaram entre as finalistas naquela noite.



1967
O diretor Ozualdo Candeias lança o filme *A Margem*, que foi o

marco-zero do cinema marginal, ou, como preferia Jairo Ferreira, o cinema de invenção. A partir do fim dos anos 1960, São Paulo tornou-se a casa do movimento que esculhambava com tudo, inclusive com o cinema novo, e usava o mínimo de recursos para filmar.

1968
Depois de funcionar desde 1947 no centro da cidade, o Masp (Museu de Arte de São Paulo) ganha nova sede na avenida Paulista. O projeto arquitetônico, com quatro colunas vermelhas e um vão-livre, foi projetado por Lina Bo Bardi. Na inauguração, a rainha Elizabeth 2ª, da Inglaterra, estava entre os convidados.



1970
A 1ª Bienal Internacional do Livro é realizada entre 15 e 30 de agosto no mesmo prédio onde acontecia a Bienal de Arte, no parque Ibirapuera. Mais de cem editoras nacionais e estrangeiras expuseram seus livros.

1977
Realizada de 21 a 31 de outubro no Masp, a 1ª Mostra Internacional de Cinema foi organizada pelo crítico e jornalista Leon Cakoff, que dirigia o departamento de cinema do museu. O público elegeu o filme *Lúcio Flávio, o Passageiro da Agonia*, de Hector Babenco, como o ganhador dessa primeira edição.



1996
Primeira edição do evento de moda Morumbi Fashion, que seria rebatizado, em 2001, como São Paulo Fashion Week. Cerca de 30 marcas apresentaram suas coleções no parque Ibirapuera. Estilistas como Reinaldo Lourenço, Lino Villaventura e Glória Coelho estavam entre os participantes.

1997
Com o tema “Somos muitos, estamos em todas as profissões”, a primeira Parada Gay da cidade reuniu cerca de duas mil pessoas na avenida Paulista. Os participantes fizeram um trajeto até a praça Roosevelt e protestaram contra o preconceito e a discriminação.

1999
Em 9 de julho, a Sala São Paulo, sede da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp), abre suas portas. Instalada na Estação Júlio Prestes, que se torna um complexo cultural, a casa tem

capacidade para 1.500 pessoas. Na noite de inauguração, a Osesp executou a sinfonia *A Ressurreição*, de Gustav Mahler.

2005
Em novembro de 2005, foi realizada a primeira edição da Virada Cultural, uma maratona de shows, peças e sessões de cinema que ocupou mais de cem pontos da cidade. Cantores como Elza Soares e Adriana Calcanhotto apresentaram-se com entrada gratuita. Houve temporal durante a noite, o que prejudicou alguns espetáculos ao ar livre.

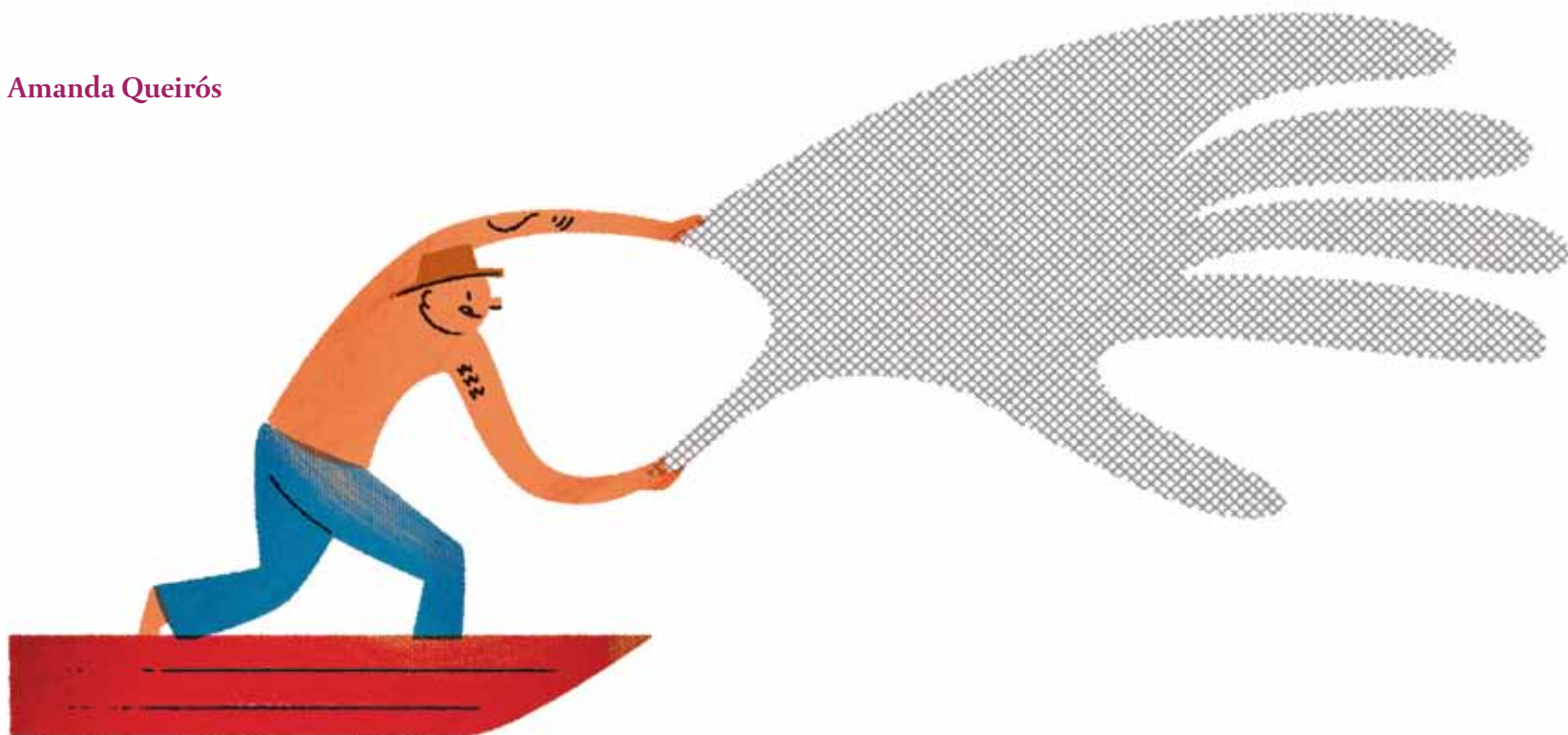
2006
O Museu da Língua Portuguesa, localizado na Estação da Luz, começa a funcionar em 21 de março. A exposição inaugural foi dedicada aos 50 anos do romance *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. Com materiais como tijolos, areia e madeira, foi construído o caminho percorrido pelos personagens do livro.



A rede e suas tramas

Como a busca por audiência redefiniu a linguagem utilizada por autores que migraram para a internet

Amanda Queirós



Linguagem simples, textos opinativos e títulos com chamadas fortes. Se houvesse uma cartilha orientando a produção do texto ideal para competir por audiência na internet, esses três dogmas estariam no topo da lista, dizem alguns dos colunistas mais lidos nas telas de computadores do Brasil.

Segundo o jornalista e cientista político Leonardo Sakamoto, 37, um novo norte editorial foi descoberto na relação direta com o leitor. O uso da linguagem o mais coloquial possível, bem como toques de ironia e sarcasmo, podem tornar o texto “popular, mas não popularesco”, diz.

Para ele, “sempre houve opinião no jornalismo mesmo em matérias narrativas”. “O blog ajuda a diminuir a ideia hipócrita de que uma coisa é diferente da outra. O mais importante não é a imparcialidade nem a neutralidade. Acredito que a importância maior hoje é ter transparência.”

Boa parte de seus 150 mil seguidores no Facebook e dos 33 mil no Twitter é formada por jovens entre 16 e 25 anos. “O blog tem uma atuação forte de formação de opinião entre quem está entrando no debate político”, avalia ele. Na última semana de março, a página teve 1,8 milhão de visualizações a partir do Facebook. “As redes sociais são fundamentais para atingir o público. A capacidade de replicação é incrível.”

Outro blogueiro que move discussões apaixonadas na internet é Reinaldo Azevedo, 52, adepto da ferramenta desde 2006 após uma consolidada carreira na imprensa escrita. Seus 90 mil seguidores no Facebook e 85 mil no Twitter acompanham suas opiniões – a maior parte sobre o noticiário político – no portal da *Veja*, revista de maior circulação do país.

Identificados como conservadores, os textos do “Tio Rei”, como ele também é chamado, fazem marcação cerrada com a presidente Dilma Rousseff e o Partido dos Trabalhadores.

De orientação mais leve, André Barcinski, 46, fez fama ao abordar a cultura pop alternativa, também na internet. Seus comentários sobre cinema, música e até culinária são curtiados por um público bem informado que muitas vezes pauta o próprio autor do blog abrigado no portal R7.

“Com a Internet, obter informação se tornou muito fácil. Mas opinião é diferente. Tento ser bastante opinativo no blog, acho que as pessoas gostam disso, e abro sempre a discussão com os leitores. Frequentemente escrevo mais linhas nas respostas aos comentários do que no próprio texto”, diz.

Há ainda blogueiros que ganharam espaço com opiniões sobre costumes e comportamento, como os jornalistas Nina Lemos, 43, e Xico Sá, 51. Nina começou na internet em 2000 com o site 02

Neurônio. O conteúdo neofeminista foi levado para seus dois blogs, um independente e outro sobre celebridades no portal Yahoo. Em seus textos, relações amorosas e dilemas de mulheres jovens ou perto da maturidade são abordados de forma bem-humorada e feminista (mas sem cara de panfleto).

No caso de Xico, que também é escritor, seu blog surgiu como continuação de seu site de crônicas *O Carapuceiro*. “Com o blog, tudo isso ficou mais personalizado, mais autoral e mais literário do que propriamente jornalístico”, diz ele, cujo séquito de leitores é composto, na maior parte, por mulheres na faixa dos 30 aos 50 interessadas em seus comentários sobre o amor. “O tema é batido desde Balzac, mas sempre desperta paixões. Isso nunca vai mudar na crônica de costumes”, conclui. ♦

Endereço dos Blogs:

LEONARDO SAKAMOTO > blogdosakamoto.blogspot.com.br

REINALDO AZEVEDO > veja.abril.com.br/blog/reinaldo

ANDRÉ BARCINSKI > entretenimento.r7.com/blogs/andre-barcinski/

NINA LEMOS > www.ninalemos.com.br

XICO SÁ > xicosa.blogfolha.uol.com.br